



**ACADEMIA MILITAR**

*O uso das armas não letais nas novas tipologias de operações de  
resposta a crises*

**Autor: Aspirante de Infantaria Henrique Miguel Botas Martins**

**Orientador: Major de Cavalaria Celso Braz**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, julho de 2013**



**ACADEMIA MILITAR**

*O uso das armas não letais nas novas tipologias de operações de  
resposta a crises*

**Autor: Aspirante de Infantaria Henrique Miguel Botas Martins**

**Orientador: Major de Cavalaria Celso Braz**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, julho de 2013**

---

---

“É preferível capturar o exército inimigo a destruí-lo. Vencer uma centena de batalhas não é o cúmulo da habilidade. Dominar o inimigo sem combater, isso sim é o cúmulo da habilidade.”

Sun Tzu

---

---

## Dedicatória

À minha família de sangue e à família que escolhi e que sempre me acompanharam.  
A todos pelo tempo que não lhes pude dar.

---

---

## Agradecimentos

O encerramento de mais uma etapa da minha formação na Academia Militar, conquistada com muito esforço deve-se, em grande parte, ao apoio das pessoas que fui encontrando ao longo destes anos e com quem tive a honra e o prazer de conviver.

Um agradecimento especial ao meu orientador Major de Cavalaria Celso Braz, pela sua paciência, entrega, espírito crítico, verdadeiro incentivo e que sempre mostrou total disponibilidade na ajuda da concretização deste trabalho.

À minha família, em particular ao meu Pai e à minha Mãe que desde o início sempre se mostraram preocupados e com uma enorme vontade de ajudar, fazendo todos os possíveis ao alcance deles para que este trabalho vingasse.

À minha namorada que sempre esteve comigo e me acompanhou ao longo de todo o processo sendo uma chave fundamental pelo acompanhamento que me prestou.

A todos os entrevistados que se mostraram predispostos a colaborar e à sua disponibilidade e contributo para o enriquecimento deste trabalho com toda a sua vasta experiência no terreno.

Ao Major Alves de Sousa pelo que desde o primeiro minuto de contacto partilhou o seu vasto conhecimento nos temas descritos.

A todos os meus camaradas de curso principalmente ao Aspirante Fernandes, Aspirante Pinto e Aspirante Cunha por todo o apoio e por terem estado presentes nos momentos mais difíceis, desempenhando não só o papel de camaradas de curso mas também de amigos.

Ao professor Ricardo Oliveira pelo tempo dedicado à revisão de literatura.

Ao professor Ricardo Morais que mesmo embrenhado em trabalho dispensou do seu tempo para a revisão de literatura do meu trabalho.

A todos muito obrigado, foram peças fundamentais em todas as etapas.

---

---

## Resumo

O trabalho em questão com o título “O uso das armas não letais nas novas tipologias de operações de resposta à crise” associa-se ao 5º ano da licenciatura com mestrado integrado em ciências militares na arma de Infantaria.

Numa altura em que o combate em áreas edificadas é cada vez mais usual na maioria das operações de resposta à crise, os cenários atuais são executados neste tipo de teatro, existindo a necessidade de manter a salvo a população e evitar a todo o custo os danos colaterais nos conflitos. É imperativo por parte das forças militares empenhadas que tenham armas ajustadas a estas necessidades. É neste âmbito que as armas de letalidade reduzida têm o seu propósito máximo.

O presente trabalho tem como objetivo determinar qual a importância das armas de letalidade reduzida nas operações de resposta à crise para as forças nacionais destacadas sendo a questão central: “Qual a aplicabilidade das armas não letais/letalidade reduzida nas operações de apoio à paz para uma força nacional destacada?”.

A estrutura apresentada comporta duas partes, sendo a primeira a revisão de literatura e a segunda, trabalho de campo, estando dentro destas dividido em introdução, revisão de literatura, metodologia e procedimentos, apresentação, análise e discussão de resultados e conclusões.

O método de investigação foi o indutivo dedutivo, seguindo um raciocínio do geral para o particular, começando por definir as hipóteses e a partir da investigação alcançar conclusões particulares.

Os dados recolhidos pretendem permitir uma análise da importância das armas de letalidade reduzida nas forças nacionais destacadas, averiguar as vantagens e desvantagens do uso deste armamento e o que pode ser melhorado no futuro.

Podemos verificar no final que a aplicabilidade deste armamento no Exército Português, e, mais concretamente nas Forças Nacionais Destacadas é bastante vantajosa quando aliada às armas convencionais, permitindo que o acompanhamento do escalar da violência seja executado com muito mais eficiência.

**Palavras-chave: armas de letalidade reduzida, operações de resposta à crise, forças nacionais destacadas**

---

---

## **Abstract**

This paper is entitled “The use of non-lethal weapons in the new types of crisis response operation” and is associated with the 5<sup>th</sup> year integrated masters degree in infantry military sciences.

At a time when the combat operation in urban areas is becoming more and more usual and the majority of crisis response operations are performed in response to the crisis stage, it is imperative that the military keeps the population safe and prevents any collateral damage conflict. It is in this context that the reduced lethality of weapons has its best purpose.

This study aims to determine the importance of reduced lethality weapons in crisis response operations for the national tasked forces, its central question being: "what is the applicability of reduced lethality weapons in crisis response operations for a deployed national force?"

This paper is structured in two parts the first being the literature review and the second, field work, with the work divided into introduction, literature review, methodology and procedures, presentation, analysis and discussion of results and conclusions.

The research method was inductive deductive following a top down approach, beginning with defining the research hypotheses, thereby reaching specific conclusions.

The data collected allowed an analysis of the importance of reduced lethality of weapons in the deployed national forces, what the advantages and disadvantages of using these weapons are and what can be improved in the future.

We conclude that the applicability of the Portuguese army weaponry and specifically highlighted in the national forces is quite advantageous when combined with conventional weapons, allowing the monitoring of violence escalation to run much more efficiently.

**Key words: reduced lethality weapons, crisis response operations, deployed national forces**

---

---

## Índice Geral

### Conteúdo

Dedicatória .....	iii
Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	v
Abstract .....	vi
Índice Geral .....	vii
Índice de Figuras .....	x
Índice de Quadros.....	xi
Lista de Apêndices .....	xii
Lista de Anexos.....	xiii
Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos .....	xiv
Capítulo 1 .....	1
Introdução.....	1
1.1. Enquadramento/ Contextualização da Investigação .....	1
1.2. Justificação do Tema .....	1
1.3. Objetivos.....	2
1.3.1. Problema de Investigação e Questões Derivadas .....	2
1.4. Hipóteses .....	3
1.5. Metodologia.....	3
1.6. Estrutura do Trabalho .....	4
Parte I – Revisão de Literatura.....	6
Capítulo 2 .....	6
Armas de Letalidade Reduzida: da tecnologia ao emprego .....	6

---

---

2.1. Introdução .....	6
2.1.1. Definição .....	7
2.2. Evolução histórica .....	8
2.3. Enquadramento legal .....	10
2.4. Classificação das armas de letalidade reduzida.....	11
2.4.1. Armas eletromagnéticas .....	12
2.4.2. Sistemas acústicos e óticos .....	14
2.4.3. Agentes químicos/ biológicos.....	15
2.4.4. Outros sistemas.....	16
2.5. Armas de Letalidade Reduzida no Exército Português .....	17
2.6. Emprego das Armas de Letalidade Reduzida.....	18
2.7. Escalada da violência vs uso da força .....	21
Parte II – Trabalho de Campo .....	24
Capítulo 3 .....	24
Metodologia e Procedimentos .....	24
3.1. Método de abordagem e justificação .....	24
3.2. Técnicas, procedimentos e meios utilizados.....	25
3.3. Amostragem: composição e justificação .....	26
Capítulo 4 .....	28
Apresentação, Análise e Discussão de Resultados.....	28
4.1. Introdução .....	28
4.2. Análise das Entrevistas .....	28
4.2.1. Análise e discussão da entrevista nº1 .....	29
4.2.2. Análise e discussão da entrevista nº2 .....	32
4.2.3. Análise e discussão da entrevista nº3 .....	36
4.2.4. Análise e discussão da entrevista nº4 .....	39
4.2.5. Análise e discussão da entrevista nº5 .....	43

---

---

---

---

4.2.6. Análise e discussão da entrevista nº 7 .....	46
Capítulo 5 .....	51
Conclusões e Recomendações.....	51
5.1. Introdução.....	51
5.2. Resposta às Questões Derivadas e verificação das Hipóteses.....	51
5.3. Resposta à Questão Central .....	53
5.4. Limitações à Investigação .....	54
5.5. Propostas e Recomendações.....	54
5.6. Investigações Futuras .....	55
Bibliografia.....	56
Apêndices.....	AP-A1
Apêndice A: Guião da entrevista nº 1 .....	AP-A2
Apêndice B: Guião da entrevista nº 2 .....	AP-A3
Apêndice C: Guião da entrevista nº 3 .....	AP-A4
Apêndice D: Guião da entrevista nº 4 .....	AP-A5
Apêndice E: Guião da entrevista nº5.....	AP-A6
Apêndice F: Guião e respostas da entrevista nº6 .....	AP-A7
Apêndice G: Guião da entrevista nº 7 .....	AP-A8
Anexos.....	A1
Anexo A – Armamento .....	A2
Anexo B – Legislação .....	A6
Anexo C – Referencial de Curso de Controlo de Tumultos.....	A7
Anexo D – Quadro de emprego de meios .....	A8

## Índice de Figuras

Figura nº 1 – Estrutura do trabalho .....	5
Figura nº 2 – Espectro de aplicação das ALR nas operações militares .....	18
Figura nº 3 – Fluxograma das etapas de um trabalho de investigação.....	25
Figura nº 4 – Quadro de emprego de meios .....	A8

---

---

## Índice de Quadros

Quadro 1 – Caracterização da amostra.....	27
Quadro 2 – Entrevista Nº1 .....	29
Quadro 3 – Entrevista Nº2 .....	33
Quadro 4 – Entrevista Nº3 .....	37
Quadro 5 – Entrevista Nº4 .....	40
Quadro 6 – Entrevista Nº5 .....	44
Quadro 7 – Entrevista Nº 7 .....	47
Quadro 8 – Guião da Entrevista nº 1 .....	AP-A2
Quadro 9 – Guião da entrevista nº 2.....	AP-A3
Quadro 10 – Guião da entrevista nº 3.....	AP-A4
Quadro 11 – Guião da entrevista nº 4.....	AP-A5
Quadro 12 – Guião da entrevista nº 5.....	AP-A6
Quadro 13 – Guião e respostas da entrevista nº 6 .....	AP-A7
Quadro 14 – Guião da entrevista nº 7.....	AP-A8
Quadro 15 – Referencial de Curso de CT .....	A7

---

---

## **Lista de Apêndices**

Apêndice A – Guião da entrevista nº 1

Apêndice B – Guião da entrevista nº 2

Apêndice C – Guião da entrevista nº 3

Apêndice D – Guião da entrevista nº 4

Apêndice E – Guião da entrevista nº 5

Apêndice F – Guião e respostas da entrevista nº6

Apêndice G – Guião da entrevista nº 7

---

---

## Lista de Anexos

Anexo A – Fichas de instrução de armamento do Exército Português

Anexo A.1 – Caçadeira *Franchi SPAS-15*

Anexo A.2 – Lança Granadas *Cougar 56mm*

Anexo A.3 – Granadas de Gás Lacrimogénio para o LG *Cougar 56mm*

Anexo A.4 – Granada de Mão de Gás Lacrimogénio M7

Anexo B – Legislação

Anexo B.1 – Extrato da Lei de Defesa Nacional

Anexo B.2 – Extrato da Lei de Segurança Interna

Anexo C – Referencial de curso de Controlo de Tumultos

Anexo D – Quadro de emprego de meios

---

---

## Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos<sup>1</sup>

AH	Assistência Humanitária
ADS	Active Denial System
APA	American Psychological Association
AM	Academia Militar
ALR	Armas de Letalidade Reduzida
ANL	Armas Não Letais
BrigMec	Brigada Mecanizada
CB	Campo de Batalha
CEDN	Conceito Estratégico de Defesa Nacional
CFT	Comando das Forças Terrestres
CICV	Comité Internacional da Cruz Vermelha
Cmdt	Comandante
CRC	<i>Crowd Riot Control</i>
CRO	<i>Crisis Response Operations</i>
CRP	Constituição da República Portuguesa
CSDN	Conselho Superior de Defesa Nacional
CT	Controlo de Tumultos
CTOE	Centro de Tropas de Operações Especiais
DI	Direito Internacional
DIDH	Direito Internacional dos Direitos Humanos
DIHCA	Direito Internacional Humanitário ou dos Conflitos Armados
DoD	Department of Defense
EME	Estado-Maior do Exército
EMP	Electro Magnetic Pulse
EPI	Escola Prática de Infantaria
EUA	Estados Unidos da América
E.#	Entrevistado
FFAA	Forças Armadas
FM	Field Manual

---

<sup>1</sup>Abreviaturas militares de acordo com PDE 0-18-00 (Exército Português, 2010a).

---

FND	Força Nacional Destacada
FS	Força de Segurança
FSS	Forças e Serviços de Segurança
GAM	Grupo de Auto Metralhadoras
GNR	Guarda Nacional Republicana
KE	<i>Kinetic Energy</i>
KFOR	Kosovo Force
KOS	Kosovar Sérvio
LDN	Lei de Defesa Nacional
LOBOFA	Lei Orgânica de Bases da Organização das Forças Armadas
LSI	Lei de Segurança Interna
MIFA	Missões Especiais das Forças Armadas
NEP	Norma de Execução Permanente
NKE	<i>Non Kinetic Energy</i>
OAP	Operações de Apoio à Paz
OCS	Órgãos de Comunicação Social
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado Atlântico Norte
PE	Política do Exército
PSP	Polícia de Segurança Pública
PU	Pequena Unidade
P.#	Pergunta
QC	Questão Central
QD	Questão Derivada
RB	Road Blocks
RL2	Regimento de Lanceiros N.º2
ROE	<i>Rules of Engagement</i>
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
TN	Território Nacional
TO	Teatro de Operações
UC	Unidade Curricular
UE	União Europeia
UI	Unidade de Intervenção
U/E/O	Unidades, Estabelecimentos e Órgãos

---

---

---

# Capítulo 1

## Introdução

### 1.1. Enquadramento/ Contextualização da Investigação

O Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), aqui presente com o título “O uso das armas não letais nas novas tipologias de operações de resposta à crise”, decorre do mestrado em Ciências Militares na arma de Infantaria da Unidade Curricular (UC) “Tirocínio para Oficial” constitui o culminar de cinco anos de academia e o fim também da formação dos futuros oficiais do Exército e da Guarda Nacional Republicana (GNR).

Ao aluno é pedido que aplique o método científico para atingir determinados objetivos que propôs antes do início do trabalho.

### 1.2. Justificação do Tema

Ao analisar o moderno campo de batalha é perceptível que ainda haja situações de guerra quente, sobretudo através de resposta à crise, que utilizam mecanismos menos letais para dar uma resolução mais adequada neste tipo de cenários.

Qualquer que seja o conflito, atualmente, é visto por milhões de pessoas através das redes sociais, como tal, o uso da violência e da letalidade não é a imagem que qualquer força queira passar quando o seu objetivo é alcançar a paz. É neste ponto, que as Armas de Letalidade Reduzida (ALR) têm a sua principal aplicação tanto no controlo de tumultos como no desempenho de uma missão que tenha o propósito de alcançar, manter ou impor a segurança ou a paz.

Pretende-se deste modo, através da investigação, perceber de que maneira o sucesso ou insucesso numa missão possa estar relacionado com o uso, ou não, das ALR por parte de um Pelotão de Atiradores inserido numa Força Nacional Destacada (FND).

### 1.3. Objetivos

Pretende-se com este trabalho, estudar a necessidade que um Pelotão de Atiradores numa FND tem em ter ao seu dispor armamento intermédio<sup>2</sup> entre a fase democrática de um conflito e o uso em pleno das armas convencionais/letais. Assim sendo, o objetivo deste trabalho pretende determinar qual a importância das ALR nas operações de resposta à crise para as FND, minimizando os riscos de modo a manter uma imagem coesa aos olhos da comunicação social. Ao comprovar ou negar a sua aplicação, ambiciona-se ainda alcançar alguns pontos fortes ou fracos, na aquisição e emprego de novos tipos de armamento de letalidade reduzida para o nosso exército e melhorar desta forma o desempenho das FND.

#### 1.3.1. Problema de Investigação e Questões Derivadas

A questão central deste trabalho será: Qual a aplicabilidade das armas não letais/letalidade reduzida nas operações de apoio à paz para uma força nacional destacada? A partir desta, derivam outras questões pertinentes, nomeadamente:

QD1: Poderão as ALR em detrimento das convencionais ter melhor desempenho quando utilizadas nas missões de resposta à crise?

QD2: Quais as vantagens que uma FND tem ao usar este tipo de armamento em ORC?

QD3: Será o equipamento e as ALR existentes suficientes para que uma FND consiga desempenhar com sucesso uma qualquer missão internacional no âmbito das ORC?

---

<sup>2</sup> “O conceito de armamento intermédio foi desenvolvido nos Estados Unidos da América por volta dos anos 80. Na década de 90 os canadianos adotaram esta terminologia e definiram-na como armamento que ocupa a falha entre as táticas de controlo físico e a força letal. Este tipo de armas seria então usado quando o controlo da população falhava e não se justificava o uso da força letal” (Adaptado de Stuart, 2007).

## 1.4.Hipóteses

Perante as questões identificadas formularam-se três hipóteses que além de facilitarem a investigação ainda conferem objetividade a todo o trabalho, para tal as mesmas terão de ser indagadas sob pena de serem verificadas ou negadas por intermédio da investigação. O resultado da análise das hipóteses permitirá alcançar as respostas necessárias para as questões derivadas, bem como, para a questão central do trabalho. “A organização de uma investigação em torno de hipóteses de trabalho constitui a melhor forma de a conduzir com ordem e rigor, sem por isso sacrificar o espírito de descoberta e de curiosidade que caracteriza qualquer esforço intelectual” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 119).

Como hipóteses para esta investigação foram formadas:

H1: Apesar da existência de armas convencionais, nas missões de resposta à crise a prioridade orienta para o uso de ALR.

H2: Numa FND ao aliar armamento convencional ao de letalidade reduzida consegue-se adequar com mais facilidade o escalar da violência.

H3: O equipamento e as ALR disponíveis podem eventualmente não serem suficientes para desempenhar com sucesso determinadas missões no âmbito das ORC, tendo em conta a situação nomeadamente o terreno e os beligerantes.

## 1.5.Metodologia

Como sustentação a toda a investigação e para comprovar ou refutar as hipóteses levantadas, a pesquisa bibliográfica, notícias e artigos, monografias, sítios na internet, legislação e entrevistas foram a base para que todo o trabalho se desenvolvesse da melhor forma. Quanto ao método usado foi o dedutivo já que o raciocínio foi passando de ideias gerais para particulares e alcançar assim uma conclusão. O método de recolha de informação foi o qualitativo, recorrendo a entrevistas semidiretivas<sup>3</sup>. Deste modo, alcança-se uma maior profundidade em relação ao tema e existe uma maior flexibilidade da parte do entrevistador, quanto à diretividade esta é fraca de modo a extrair do entrevistado muito mais informação caso seja necessário (Quivy & Campenhoudt, 2008).

---

<sup>3</sup> A entrevista semidiretiva, ou semidirigida é certamente a mais utilizada. O investigador dispõe de um série de perguntas-guias, relativamente abertas.

Para a realização deste trabalho foi seguida a norma para a execução do relatório científico final em vigor pela AM que é a NEP 520/2ª de 01 de Junho de 2013.

Todas as citações e referências foram redigidas sobre a norma da *American Psychological Association* (APA) sexta edição.

## **1.6.Estrutura do Trabalho**

Este trabalho está dividido em duas partes, sendo que a primeira tem a denominação de “Revisão de Literatura” e a segunda, “Trabalho de Campo”.

Na primeira está versado o estado da arte, parte fundamental para a investigação sendo por isso o pilar onde se focou a investigação. Nesta parte encontram-se excertos e citações de toda a informação que foi conseguida e utilizada para a realização do trabalho. Excertos e citações provenientes de livros, monografias, teses de investigação e revistas. A “Revisão de Literatura” contém um capítulo sendo o mesmo “Armas de Letalidade Reduzida: da tecnologia ao emprego” que contém subcapítulos relacionados com a classificação deste armamento, o seu emprego em Portugal e ainda os efeitos da sua utilização.

Quanto à segunda parte intitulada de “Trabalho de Campo” é onde se pode encontrar a aquisição de informações recolhidas na pesquisa. Nesta parte encerram-se dois capítulos sendo eles “Metodologia e Procedimentos” e “Apresentação, Análise e Discussão de Resultados”.

No capítulo referente à metodologia e procedimentos usados pretende-se explicar qual o método de abordagem e justificação bem como os procedimentos adotados na recolha de informações, no mesmo capítulo e versando também qual a amostra escolhida e o porquê da mesma referindo as técnicas e meios utilizados. Na apresentação, análise e discussão de resultados, são mencionadas as fontes primárias e secundárias, bem como, a análise e discussão dos resultados obtidos nas entrevistas realizadas.

No capítulo seguinte vêm todas informações conseguidas e materializadas pelo autor confrontadas com todas as informações conseguidas na pesquisa que constam na primeira parte do trabalho, procurando assim responder às questões propostas bem como verificar ou negar as hipóteses apresentadas.

No final, depois desta segunda parte vêm as “Conclusões e Recomendações”.

A figura 3 mostra a estrutura do trabalho em gráfico de hierarquia.

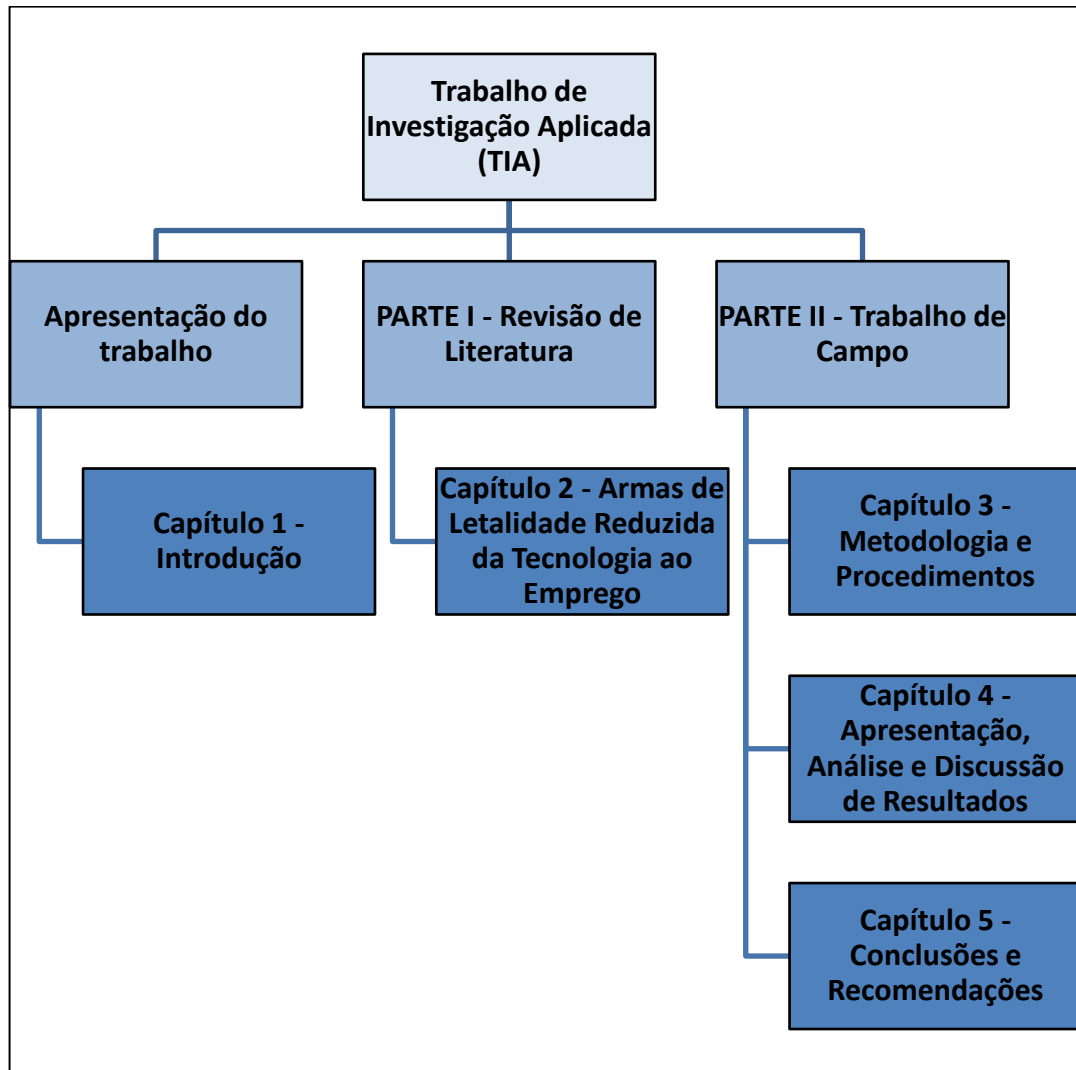


Figura nº 1 – Estrutura do trabalho

---

---

## Parte I – Revisão de Literatura

### Capítulo 2

#### Armas de Letalidade Reduzida: da tecnologia ao emprego

##### 2.1. Introdução

Cada vez mais os conflitos armados são seguidos por uma tela infundável composta por todos aqueles que têm acesso a um meio de comunicação social, depreende-se que a escalada de violência pode também dever-se ao facto de não haver métodos ou ferramentas intermédias entre a diplomacia verbal e o uso letal da força. Como tal, e para preservar o direito à vida de um maior número de pessoas, direito este que se encontra versado do Direito Internacional Humanitário e dos Conflitos Armados<sup>4</sup> (DIHCA), existem ferramentas conhecidas como ALR que conseguem estreitar o contato em situações de conflito armado sem que seja necessário aplicar força letal e assim, evitar repercussões que os atos mais violentos possam trazer (Rudy, 2009).

Muitos países começam a perceber que a aplicabilidade destas armas é uma mais-valia, muito devido ao facto de terem observado o que se passou em diversos países como o Egito, Israel, Iraque e Afeganistão, e portanto decidem cada vez mais investir nas mesmas de modo a combater manifestações inopinadas e grandes demonstrações de poder por parte de insurgentes para conquistar os *hearts and minds* da população (HSRC, 2011).

Cada vez mais a necessidade de novos tipos de ALR se vem a sentir, não só pelas vantagens que conferem no campo de batalha ao não provocarem danos letais na maior parte das vezes a quem são aplicadas, como também, devido ao facto de que hoje em dia ser muito importante manter o uso da força tão baixo quanto possível (United Nations Secretariat, 2008).

Torna-se imperativo pelas leis e constituições internacionais que as armas tenham cada vez mais uma componente não letal para, deste modo terem a aptidão de incapacitar um alvo e não feri-lo ou provocar algum tipo de dano que seja irreversível (CICV, 2009).

---

<sup>4</sup> Desta forma, o DIH enuncia as regras aplicáveis durante os conflitos armados, internacionais ou não, que visam um duplo objetivo: restringir os direitos dos combatentes através da limitação dos métodos e meios de guerra e proteger os direitos dos não combatentes, civis e militares fora de combate (Deyra, 2001)

A proteção da vida humana no campo de batalha é progressivamente mais importante com o desenvolver dos meios de comunicação social, já que, o acompanhar de um conflito e a facilidade do acesso à informação torna o mesmo visível a milhões de pessoas por todo o Mundo. Um militar numa guerra hoje em dia tem de estar preocupado na totalidade com as repercussões que os seus atos possam vir a produzir principalmente os que são atribuídos às Nações Unidas (Larsen, 2008).

Sabe-se que nenhuma arma pode ser considerada segura mesmo que seja considerada uma ALR, se mal utilizada, ou usada por pessoal com pouco treino pode ser letal ou provocar danos irreversíveis. Contudo, cada vez mais se tem desenvolvido armamento com valências na incapacitação de adversários e com um nível de segurança extremamente elevado para os mesmos já que afastam a ameaça minimizando os efeitos contra a sua integridade física. Em determinados países como no Reino Unido algumas armas/munições não letais foram mesmo proibidas por ainda constituírem perigo para os alvos que estas pretendem atingir, como por exemplo, as munições de borracha que são consideradas não letais, se mal utilizadas ou usadas por quem não tenha treino podem provocar danos irreparáveis (Haberland, 2006).

### **2.1.1. Definição**

Desde o início dos tempos, o Homem tem vindo a desenvolver armas pelos mais diversos motivos, sejam eles para caça ou disputas entre membros da mesma raça. Com o passar do tempo também a capacidade letal das armas desenvolvidas aumentou, tornando-se hoje em dia cada vez mais mortais. Segundo o dicionário (Houaiss, 2005) da língua portuguesa, arma vem definida como “instrumento, mecanismo, aparelho ou substância especial preparados, ou adaptados, para proporcionar vantagem no ataque e na defesa numa luta, batalha ou guerra”, sendo que atualmente qualquer objeto pode ser considerado uma arma desde que seja usado para provocar dano em outrem. Posto isto, torna-se ambíguo o termo arma não letal já que qualquer arma pode causar danos letais noutra pessoa.

“*Enough marshmallows will kill you if properly placed*”, esta expressão pretende demonstrar que mesmo algo que não é visto como uma arma pode ser considerado letal se alguém a usar nas devidas condições e intenções de matar ou provocar danos físicos permanentes (Haberland, 2006).

Sendo assim, quais são as armas que se podem considerar de letalidade reduzida? Quais os parâmetros para que armas possam obter esta categorização? A resposta encontra-se no *Joint Non-Lethal Weapons Directorate*<sup>5</sup> que propõe uma definição para arma de letalidade reduzida

Armas, dispositivos, ou munições que são explicitamente desenvolvidas e empregues em primeira instância para incapacitar pessoal ou material imediatamente, enquanto minimizam baixas mortais, lesões permanentes no pessoal, e dano desnecessário causado a propriedades, infra estruturas, material e ao meio ambiente. As armas não letais têm o intuito de causar efeitos reversíveis em pessoal e material (Adaptado de Directorate, 2011).

## 2.2. Evolução histórica

O uso de ALR remonta aos primórdios, sendo por isso alvo de características voláteis, contudo, é possível datarmos o aparecimento destas armas tendo como referência o ano de 1200 quando um grupo de mercenários conduzia na península italiana guerra de letalidade reduzida já que não havia mortes. Em 1424 na batalha de Zagonara apenas três mortes foram verificadas e todas devido ao facto de terem apeado por outros motivos que não os normais e ao cair no solo afogarem-se na lama. Em consequência do combate não ocorreu nenhuma morte já que as armaduras conferiram mais proteção que o poder de fogo das armas utilizadas (Fiely, 1995), levando a crer que este tipo de armamento era o mais fiável e consistente no combate à mortalidade gerada em situações beligerantes de resposta à crise (A.M. & Uminho, 2002).

É comumente aceite por todos os comandantes e decisores políticos que um dos principais propósitos para a existência de ALR no arsenal militar tenha como objetivo primordial fornecer valências que não matem no âmbito do combate nas missões de resposta à crise. Durante a 1.ª Guerra Mundial (1914-1918) a utilização de ALR químicas teve como objetivo minimizar os danos colaterais que pudessem surgir (Fidler, 2005).

Os EUA foram o país pioneiro neste tipo de armamento, após a Guerra Fria (EUA e Rússia) as armas não letais tiveram um grande avanço no que toca à invenção do projétil de letalidade reduzida. É importante referir que em 1969, na Irlanda do Norte, foram

---

<sup>5</sup> A Direção de armas não-letais do Departamento de Defesa Norte Americano chefiada atualmente pelo comandante do Corpo de Fuzileiros Navais, o general James F. Amos, que tem a seu cargo a gestão das armas não letais como agente executivo (DoD, 2013).

utilizadas as primeiras ALR, tais como, munições de borracha e plástico, pequenos escudos, Gás CS (lacrimogéneo) e canhões de água (CAIN, 2007).

A eficácia das ALR perdeu alguma credibilidade quando na guerra do Vietname o uso abusivo de duas ALR – herbicidas e Gás CS, colocaram em causa os efeitos não-letais quando estas não eram aplicadas da forma correta. Anos mais tarde, precisamente em, 1995, a Somália lutava pela manutenção de paz e recorreu ao armamento não letal para evitar mais danos catastróficos que resultaram na maioria das vezes na morte das pessoas. Assim, foram utilizados, alguns projéteis não-letais (Bastões de borracha, cartuchos de caçadeira com esferas de borracha), *granadas stinger*<sup>6</sup> (que dispersavam esferas de borracha em vez de metal), espuma pegajosa (contra alvos humanos individuais) e barreiras de espuma (com gás irritante) (A.M. & Uminho, 2002).

Uma má aplicação das ALR ou o seu uso abusivo pode ter efeitos letais se não forem manuseadas corretamente. Sendo os EUA uma das potências impulsionadoras dos desenvolvimentos a nível das ALR e sua doutrina e legislação, em 1996 foi criado um programa, o *Non Lethal Program* do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DoD), lançado nesse ano pela criação do *Joint Non-Lethal Weapons Directorate* (JNLWD, departamento criado para a pesquisa e aprofundamento deste tema). Apesar deste programa ser voltado essencialmente para o sector militar, apresenta um documento muito importante (o *DoD Directive 3000*<sup>7</sup>), que orienta a política dos EUA para o emprego das ALR.

Porém, o emprego das ALR não foi, nem será completamente fortuito. É necessário ter em atenção que, à medida que novas ALR são criadas dando importantes vantagens ao seu uso, também são alvo de um grande número de precauções e de legislação, expostas nas *Rules of Engagement* (Regras de Empenhamento).

Uma das principais preocupações sobre ANL é que estas estão potencialmente em conflito com as normas internacionais. Algumas ANL propostas não são autorizadas ao abrigo da lei internacional que rege as armas, havendo armas não letais que podem ser mortais em vários cenários de guerra. É importante referir que o armamento não-letal tem como finalidade diminuir as inibições ou incentivos negativos para iniciar ou perpetuar a turbulência, bem como para reduzir os incentivos positivos para acabar com um conflito, diminuindo os horrores da guerra. Assim sendo, o armamento não letal poderia estar

---

<sup>6</sup> A granada Stinger faz parte do tecnologia de defesa e que tem um efeito psicológico, podendo o seu conteúdo variar entre borracha, ter um agente químico, fazer unicamente som (Safariland, 2011).

<sup>7</sup> Documento do Departamento de Defesa norte-americano que define as diretrizes de desenvolvimento e aplicação das armas não letais (DoD, Directive, 2013).

indiretamente a desencadear uma nova arena de inquietude da concorrência internacional de armas. No início de 1995 a China foi o 1.º país a comercializar abertamente laser ao vendê-los numa feira de armas nos Emirados Árabes Unidos, o que demonstra a capacidade de outros países para desenvolver essas armas e assim, a perspectiva de uma nova corrida armamentista é uma possibilidade real (Fiely, 1995).

Finalmente, o uso generalizado de ALR pode impedir o funcionamento da dissuasão, isto é, as relações de coerção envolvidas na dissuasão podem ser mais difíceis de calcular, levando a erros sobre a vulnerabilidade de um alvo.

### **2.3. Enquadramento legal**

Todas as circunstâncias militares, independentemente das forças presentes, acontecem respeitando toda a estrutura jurídica, assim como, o Direito Internacional (DI), que abrange o DIHCA, e, o Direito Internacional dos Direitos Humanos (DIDH), e impreterivelmente a legislação nacional.

O Direito Internacional Humanitário ou dos Conflitos Armados e o Direito Internacional dos Direitos Humanos são complementares. Ambos visam proteger as vidas, a integridade e dignidade dos indivíduos, embora sob formas diferentes. Ambos também tratam de temas ligados ao uso da força (CICV, 2009, p. 8).

O Direito Internacional Humanitário ou dos Conflitos Armados, pode também ser conhecido como Direito Internacional Humanitário ou Direito da Guerra. Tem como objetivo proteger as pessoas que não (ou não mais) participam das hostilidades limitando desta maneira o uso dos meios aplicados em guerra e os próprios métodos de condução do conflito, definindo os direitos e as obrigações de todas as partes envolvidas num confronto. Tem origem consuetudinária e tem vindo mencionado em tratados desde 1864 (CICV, 2009).

O Direito Internacional dos Direitos Humanos protege sempre o indivíduo, tanto em período de paz como de guerra; beneficia a todos e o seu objetivo principal é proteger os indivíduos de comportamentos arbitrários por parte dos Estados. Para esta proteção ser efetiva, as normas internacionais devem estar refletidas na legislação nacional (CICV, 2009, p. 8).

O papel básico das forças armadas de um Estado é defender o território nacional contra as ameaças externas (conflito armado internacional) e lidar com as situações

de conflito armado interno (não-internacional). No entanto, as forças armadas podem ser chamadas a assistir às autoridades civis para lidar com eventuais níveis de violência mais baixos do que os encontrados nos conflitos armados que podem ser classificados como tensões e distúrbios internos (CICV, 2009, p. 5).

A cooperação entre as Forças Armadas (FFAA) e as Forças e Serviços de Segurança (FSS) é uma realidade atual ao abrigo da Lei Orgânica de Bases de Organização das Forças Armadas (LOBOFA) (aprovada pela Lei Orgânica n.º1-A/2009 de 7 de julho) e da Lei de Defesa Nacional (LDN<sup>8</sup>) (aprovada pela Lei n.º 31-A/2009 de 7 de julho), bem como da Lei de Segurança Interna (LSI<sup>9</sup>) (aprovada pela Lei n.º53/2008 de 29 de agosto). De forma a complementar as leis anteriormente citadas e com base no documento designado de Missões Específicas das Forças Armadas 1.ª série n.º07/31 de julho de 2009 (MIFA09) e perante a aquisição de ALR, a nossa legislação preceitua o emprego consistente de ALR. Ao abrigo da lei n.º12/2011 de 27 de abril,

São armas da classe E:

- a. Os aerossóis de defesa com gás cujo princípio ativo seja a capsaicina ou oleoresina de capsicum;
- b. As armas elétricas até 200 000 v, com mecanismo de segurança;
- c. As armas de fogo e suas munições, de produção industrial, unicamente aptas a dispararem balas não metálicas, concebidas de origem para eliminar qualquer possibilidade de agressão letal e que tenham merecido homologação por parte da Direção Nacional da PSP.

#### **2.4. Classificação das armas de letalidade reduzida**

Devido à grande diversidade de ALR estas podem ser divididas quanto à sua função, e quanto ao seu tipo ou funcionalidade ou quanto ao tipo de tecnologia utilizada. Quanto à sua função este armamento é classificado como sendo antipessoal, anti material ou a junção das duas anteriores. Quanto à classificação das ALR e da tecnologia usada estas podem pertencer aos sistemas eletromagnéticos, sistemas acústicos e óticos ou aos agentes biológicos e químicos.

Nas armas antipessoais as suas valências versam sobretudo o controlo de tumultos, incapacitar indivíduos evitar a aproximação destes a edifícios ou instalações, e têm como propósito principal afetar exclusivamente o alvo humano singularmente ou em grupo.

---

<sup>8</sup> Vide anexo A.1

<sup>9</sup> Vide anexo A.2

Quanto às anti material têm o propósito base de destruir ou inutilizar qualquer tipo de infra estruturas ou equipamento inimigo para o deixar inutilizável durante um certo período de tempo ou permanentemente. As armas com as duas componentes acima referidas revelam capacidade de ao mesmo tempo que danificam e inutilizam material, causam também efeitos nos alvos humanos (Santos, 2011).

Em relação às tecnologias usadas hoje em dia, os sistemas eletromagnéticos albergam uma grande quantidade de armamento, entre eles armas destinadas a cegar temporariamente ou incapacitar alvos humanos tais como as armas laser. Existem outras, tais como as armas de micro ondas e as que lançam um impulso eletromagnético, onde a sua eficácia se faz sentir nos dispositivos eletrônicos, que estão ao seu alcance, inutilizando-os. Os sistemas acústicos funcionam com a utilização de sons de baixa frequência para poderem penetrar com facilidade em edifícios e viaturas, quanto à última divisão, neste grupo usam uma grande diversidade de agentes para neutralizar um alvo humano (Santos, 2011).

Ainda há quem defenda que as ALR devido à grande diversidade e aos grandes avanços tecnológicos possam ser divididas em duas categorias as armas convencionais e não convencionais.

Convencionais – gás lacrimogéneo, munições plásticas, *tasers*, *sprays*, que já começam a ser usados por alguns paramilitares e agentes da polícia; não convencionais – micro ondas de alta intensidade, lasers de baixa intensidade, sistemas acústicos, em princípio o uso de armas de letalidade reduzida devem aumentar nos paramilitares e nos agentes da polícia. Assim em determinadas situações mais complexas, a sua utilização pelo exército pode ajudar a limitar as mortes, diminuir o dano em infraestruturas, e permitir demonstrações de força, na medida que acompanha a escalada da violência principalmente quando têm de ser empregues em questões de segurança interna (Adaptado de Dutta, 2009).

Nos seguintes itens de subcapítulo serão identificadas algumas armas referentes a cada sistema para um melhor conhecimento da diversidade das mesmas explicando as que são consideradas pelo investigador as mais importantes.

#### **2.4.1. Armas eletromagnéticas**

As armas eletromagnéticas comportam uma grande diversidade de armamento entre elas, os sistemas elétricos como bastões elétricos, armas de atordoamento, *Tasers*, entre outros, os sistemas de energia dirigida como os lasers tanto de atordoamento como de

cegamento, micro-ondas, dispositivos de rádio frequência e as bombas *Electro Magnetic Pulse* (EMP).

Quanto aos sistemas elétricos a legislação portuguesa define que “Arma elétrica é todo o sistema portátil alimentado por fonte energética e destinado unicamente a produzir descarga elétrica momentaneamente neutralizante da capacidade motora humana” (Lei n.º5/2006, 2006). Estes sistemas englobam vários tipos de armamento não letal sendo os mais conhecidos: as pistolas e bastões elétricos, escudos, redes e canhões de água eletrificados.

A mais conhecida das armas mencionadas anteriormente é a pistola elétrica, esta arma dispara dois filamentos agarrados a um fio condutor. Estes filamentos quando entram em contato com o alvo quer seja através da roupa ou diretamente na pele descarregam uma corrente elétrica que incapacita de imediato a pessoa. Existe uma grande controvérsia em torno deste tipo de armamento já que a segurança não é garantida tanto por parte dos utilizadores nos alvos como dos efeitos nos mesmos. Estas armas são potenciais utensílios para torturar e cometer crimes contra os direitos humanos, bem como, não podem ser usadas em alvos que tenham problemas cardíacos sob perigo de causarem lesões graves ou mesmo em casos extremos, a morte do alvo em questão. Muitas das vezes são os próprios fabricantes que realizam e produzem os testes de segurança e sendo assim a avaliação e pesquisa científica por parte de órgãos independentes é escassa (Nick Lewer, 2005).

Os sistemas de energia dirigida são relativamente recentes, estes, englobam um grande número de armas, contudo entre as mais relevantes temos os lasers. Apesar desta tecnologia já existir há mais de 30 anos e ter nascido apenas para identificar alvos ao longe, atualmente, são também usados para atordoar, designar objetivos e guiar um míssil. Os lasers de *low-energy* são usados para causarem dano visual, que pode variar conforme a intensidade podendo ir desde o desconforto, brilho intenso, atordoamento, cegueira momentânea ou até dor intensa nos olhos. Estes lasers conseguem alterar o comprimento de onda tornando-se assim mais resistentes às contra medidas por parte do inimigo. Os lasers de *high-energy* são maioritariamente usados para defesa aérea onde o objetivo principal é destruir munições que venham a caminho (Stocker, 2004).

O *Active Denial System* (ADS) é uma arma americana que usa micro-ondas de energia capazes de aquecer moléculas de água nas camadas abaixo da derme, causando assim uma sensação de queimadura impedindo o alvo de continuar a progredir e

desviar-se do feixe. A segurança desta arma depende da quantidade de tempo que o feixe é apontado a um determinado alvo (Davison, 2006).

As armas de Rádio Frequência foram desenvolvidas para danificar ou destruir os circuitos elétricos de equipamentos e estão englobadas nas armas micro-ondas de grande energia, sendo que estas últimas se dividem em armas de banda larga que emitem a sua radiação através de uma ampla gama de frequências geradas por um grande explosivo ou um gerador eletromagnético e armas de banda estreita que são acionadas eletricamente e por isso geram algumas preocupações por parte do DIH, já que o seu uso em humanos pode matar se estes tiverem problemas de coração e usem *pacemaker*<sup>10</sup> (Davison, 2006).

#### **2.4.2. Sistemas acústicos e óticos**

As armas acústicas são maioritariamente disparadas ao custo de energia mecânica já que emitem ondas sonoras e têm como veículo de transporte a pressão do ar. Através de som audível, infrassom ou ultrassom estas armas representam uma tecnologia que, cada vez mais, emerge e que rapidamente se torna viável. Nas armas que emitem som audível ao ser humano, uma empresa de armamento americana criou dispositivos de *High Intensity Directed Acoustic* (HIDA) como o *Long Range Acoustic Device* (LRAD), que foi desenvolvido para enviar mensagens de alerta até um quilómetro de distância. A distâncias menores mais concretamente abaixo dos 60 metros do alvo, esta arma pode produzir 120 decibéis chegando mesmo a ter picos de 130 decibéis a distâncias de quatro metros. A partir dos 80 decibéis, o ser humano pode contrair lesões ao nível dos ouvidos se a exposição for de longo prazo, portanto a exposição de 120 e 130 decibéis pode mesmo, por curtos períodos, danificar gravemente a audição humana. Para além do dano que pode causar em seres humanos o LRAD também pode provocar falta de equilíbrio, vômitos e enxaquecas. (Davison, 2006).

Nas armas de infrassons o feixe apesar de conseguir atingir a pessoa não pode ser dirigido e por isso é disperso e funciona fazendo induzir uma vibração no corpo do alvo podendo provocar irritação, sensação de doença, perda de controlo do corpo ou mesmo inação total.

---

<sup>10</sup> Dispositivo eletrónico que é implantado para ajudar o coração a manter um ritmo regular (Fonseca).

As armas de ultrassons têm um espectro de frequência maior que o da região do audível existindo pontos fortes e fracos na sua utilização. Quanto a pontos fortes quando são utilizadas no controlo de população, emitem um feixe de energia que provoca desconforto, não registando danos colaterais. O ponto fraco é que a propagação do feixe emitido está dependente das condições atmosféricas (Stocker, 2004).

### **2.4.3. Agentes químicos/ biológicos**

Estes agentes incluem vários tipos de químicos como o CS, CN e CR bem como Oleoresin, Capsicum (OC) ou gás pimenta, que tem uma origem biológica. O *Textbook of Military Medicine* fala que um agente de CT é

Rca's, are nonlethal chemical agents with effects that disappear spontaneously and quickly (within minutes) after exposure ceases, remain legal. The use of these agents, typically "irritant" chemicals (such as CN, CS, and OC) commonly referred to as tear gases, is constrained by the CWC (Salem, 2012, p. 431)

A definição genérica de ALR em agente químico é: "Aerossol de defesa é todo o contentor portátil de gases comprimidos cujo destino seja unicamente o de produzir descargas de gases momentaneamente neutralizantes da capacidade agressora" (Lei n.º5/2006, 2006), e "Arma química é o engenho ou qualquer equipamento, munição ou dispositivo especificamente concebido para libertar produtos tóxicos e seus precursores que pela sua ação química sobre os processos vitais possa causar a morte ou lesões em seres vivos" (Lei n.º5/2006, 2006).

As ALR biológicas são todas as que através de um agente e um vetor possam incapacitar, "acalmar" ou fazer os alvos desmaiarem. Estes agentes são distintos dos RCA já que estes provocam irritação local no corpo. Os agentes biológicos têm propósito de incapacitar ao agir nas células de receção de dados elétricos no sistema nervoso central (Nick Lewer, 2005). A legislação portuguesa considera:

Arma biológica é o engenho susceptível de libertar ou de provocar contaminação por agentes microbiológicos ou outros agentes biológicos, bem como toxinas, seja qual for a sua origem ou modo de produção, de tipos e em quantidades que não sejam destinados a fins profiláticos de proteção ou outro de carácter pacífico e que se mostrem nocivos ou letais para a vida (Lei n.º5/2006, 2006).

Ambas têm valências e contras já que as mais usadas são as químicas para apenas provocarem irritação na pele, olhos, entre outras partes do corpo, uma vez que, controlam a pessoa sem perigo que esta contraia uma lesão irreversível em detrimento das armas biológicas que podem matar.

#### 2.4.4. Outros sistemas

Seguidamente optámos por fazer apenas a explicação de um tipo de sistemas que não estivessem integrados nos itens de subcapítulos anteriores sendo este o sistema de energia cinética.

Por volta dos anos 60, as ALR dentro deste sistema, nomeadamente cassetetes e os canhões de água foram ultrapassados pelo desenvolvimento de vários tipos de projeteis de impacto que serviam de alternativa às munições normais. Os primeiros exemplos de projeteis de impacto foram demonstrados em Hong Kong em 1958 e eram munições de madeira de teca com dois centímetros e meio de comprimento que eram disparadas ao chão para provocarem estilhaços e assim atingir os alvos nas pernas já que disparar diretamente ao corpo poderiam partir ossos ou mesmo causar a morte. Ainda assim esta técnica não era a mais segura já que não havia um controlo no ricochete dos estilhaços correndo o risco de danos colaterais indesejados (Davison, 2006).

Este sistema balístico comporta vários tipos de armamento sendo estes ofensivos, defensivos e mistos. Neste ponto temos munições de borracha ou plástico, cassetetes, munições com *beanbags*<sup>11</sup>, pequenas bolas de borracha e também canhões de água. Ainda que estas sejam utilizadas e efetivamente mostrem resultados, este tipo de armamento tem várias limitações tendo em conta a vertente do utilizador bem como os efeitos provocados no alvo. O manuseamento deste tipo de armamento é muito complicado já que não existe controlo do projétil, por exemplo, depois deste sair à boca do cano poder atingir alvos que não estejam no conflito ou mesmo provocar lesões que não possam ser reversíveis (Nick Lewer, 2005, p. 40).

---

<sup>11</sup> Tradução à letra para saco de feijões, que neste caso se aplica devido à semelhança entre as pequenas bolas de borracha que servem de projéteis.

Este tipo de sistema é usado para duas situações específicas: *point control*<sup>12</sup> para neutralizar uma pessoa de cada vez, ou *area or crowd control*<sup>13</sup> para neutralizar várias pessoas com apenas um disparo onde se empregam diversos projéteis (Stocker, 2004). Para caracterizar este tipo de armamento seguem-se quatro parâmetros fundamentais sendo eles o peso, a forma, a velocidade e o tipo de material.

A grande desvantagem dos sistemas de energia cinética mais concretamente dos projéteis é a grande amplitude de efeitos consoante a distância ao alvo sendo que a cinco metros a sua aplicação pode ser letal e a cinquenta torna-se pouco eficaz (OTAN, 2004).

## 2.5. Armas de Letalidade Reduzida no Exército Português

Portugal não tem muitas unidades que tenham equipamento de letalidade reduzida, contudo o pouco que o nosso país tem é transportado para as missões no exterior (FND) em que participa consoante as necessidades, equipando as forças nomeadamente os pelotões de atiradores.

É no Regimento de Lanceiros Nº 2 (RL2) que se encontram a maior parte das ALR, razão pela qual o curso de controlo anti tumultos seja ministrado nesta unidade. A Polícia do Exército (PE) é portanto equipada para missões de controlo anti tumultos com proteção individual, desde caneleiras a capacete com viseira, escudos, bastões tradicionais, ainda tem ao seu dispor armamento como o lança granadas *Cougar* 56mm<sup>14</sup> que dispara munições de borracha e as granadas CM6<sup>15</sup> de gás lacrimogéneo, para além deste armamento ainda estão munidos de granadas de mão lacrimogéneas M7<sup>16</sup>, que podem ser usadas em diversas unidades do nosso Exército.

Noutras unidades como no Centro de Tropas de Operações especiais (CTOE) onde em algumas situações usam a espingarda caçadeira *Franchi SPAS-15*<sup>17</sup> para abrir brechas ou ser um elemento mais robusto por parte das equipas. De referir que esta arma tem a capacidade de letalidade reduzida se for munida no seu carregador com cartuchos de borracha.

---

<sup>12</sup> Ponto de controlo por onde as pessoas são obrigadas a passar, onde os homens estão a postos para dar informações e instruções regulando o tráfego (DoD, Joint Publication 1-02, 2010)

<sup>13</sup> Do inglês área ou controle de multidão

<sup>14</sup> Vide anexo A.2

<sup>15</sup> Granadas que são lançadas pelo lança granadas *Cougar*, arma de cano basculante (Exército Português, 2001). Vide anexo A.3

<sup>16</sup> Vide anexo A.4

<sup>17</sup> Vide anexo A1

## 2.6. Emprego das Armas de Letalidade Reduzida

As armas de letalidade reduzida são empregues num largo espectro das operações militares. Sendo assim as mesmas enquadram-se na ajuda humanitária, nas operações de apoio à paz e nas operações de segurança, excluindo deste modo as operações de guerra em que a escala de violência é bem superior e onde é necessário armamento convencional. Percebe-se que a utilização deste tipo de armamento está diretamente ligada com as missões no âmbito das ORC já que o seu emprego alberga todo o tipo de missões que podem ser desempenhadas aqui (Martins, 2012).

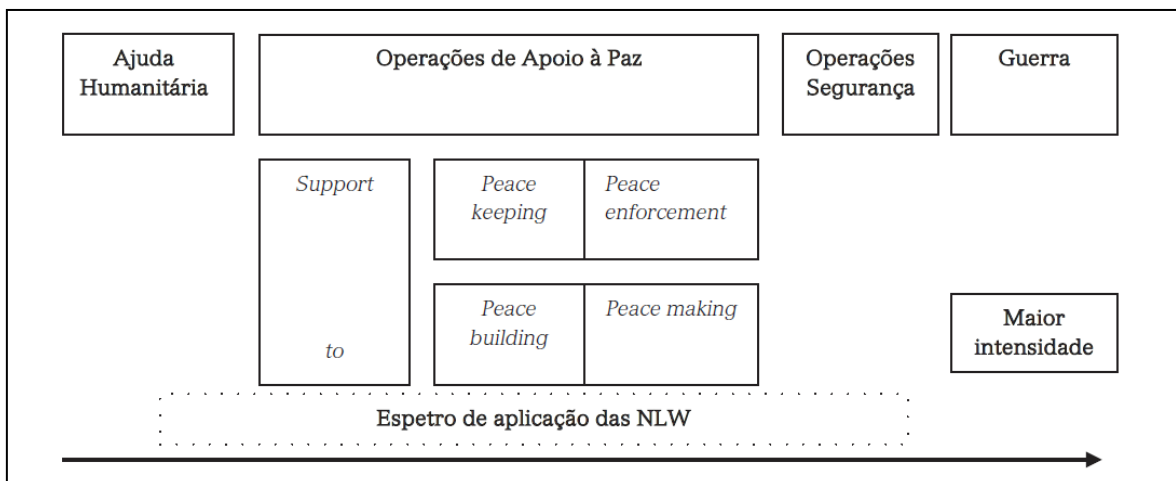


Figura nº 2 - Espectro de aplicação das ALR nas operações militares (Martins, 2012)

Ainda que a intensidade do combate aumente drasticamente, cada vez mais as ALR são passíveis de serem usadas em menor quantidade, uma vez que, a tecnologia não para de evoluir e sendo esta ideia aplicável às ALR é necessário que haja um controlo para que se possa constatar qual será a melhor escolha para um determinado tipo de missão, testando a capacidade deste armamento e para poder determinar quais são as armas mais eficazes. A OTAN devido à grande diversidade de armamento realizou testes em ambientes específicos de combate para avaliar a eficácia militar das novas tecnologias,

situações estas que versam sobretudo as ORC. Estes cenários apresentaram vários tipos de ambientes previstos que possam vir a ocorrer em 2020. Para tal alcançou-se uma fragilidade para o emprego das ALR que são situações onde se podem realizar Operações de Paz (OP), Assistência Humanitária (AH) e zonas muito próximas situações de combate convencional quente a este ambiente que foi intitulado *Three Block War*<sup>18</sup> (Martins, 2012).

Para prevalecer neste tipo de ambiente torna-se crucial que as forças nele inseridas reúnam as capacidades para isolar cada zona dependendo do que nas mesmas vai ocorrendo, onde o discernimento é esbatido pela dificuldade de identificar todos os combatentes e diferenciá-los dos que não o são (Martins, 2012).

O *Research and Technology Organisation* (RTO) concluiu que é altamente provável que as forças da OTAN num futuro próximo tenham de maioritariamente conduzir operações em teatros de áreas edificadas. Este tipo de ambiente promove desafios altamente complexos como resultado de um dos fatores de decisão mais importantes, terreno, a grande densidade de infraestruturas, o vetor multidimensional deste tipo de operações que permite a força entrar em combate a partir de qualquer posição, sendo o combate no subsolo, dentro de edifícios, no topo dos mesmos, viável para conduzir qualquer tipo de operação em áreas edificadas (OTAN, 2004).

As situações mais importantes onde o uso deste tipo de armamento é empregue passam obviamente pelo controlo de tumultos ou de multidões, podendo este ponto incidir sobre uma série de cenários possíveis como embaixadas, prisões, pontos de controlo, ou mesmo infraestruturas do governo como aconteceu a 16 de outubro de 2012 junto ao palácio de São Bento onde a polícia foi chamada a intervir como força de controlo de tumultos, o qual provocou 11 feridos ligeiros, 10 dos quais eram polícias (Fialho, 2012).

Outra situação, que pode inclusivamente provocar o caos económico numa determinada região, sob a forma de sansão a um país, passa pelo uso substâncias cáusticas, deteriorando estradas, sapatos ou mesmo pneus, criando engarrafamentos e obstruções capazes de impedir a livre circulação de veículos (Santos, 2011).

As ALR são de uma diversidade tão grande que podem também desencorajar um estado de tomar medidas beligerantes contra outro, por exemplo sob a forma de vírus informático que atuando em diversos pontos-chave, tais como telecomunicações,

---

<sup>18</sup> As forças militares da atualidade devem ser capazes de participar tanto em operações de combate como em ações de ajuda humanitária ou em missões de apoio à paz. É hoje aceite que os militares e respetivos meios devem estar aptos a levar a cabo todos estes diferentes tipos de operações, se necessário, “no mesmo dia”, ou seja, com um tempo de preparação muito curto e quase e sempre em espaços urbanos. Podem mesmo ter que efetuar estas diferentes operações, em simultâneo, em espaços geográficos muito próximos uns dos outros (Machado, 2009).

indústrias, fornecimento de energia elétrica, etc., desencorajando as intenções de conflito armado (Santos, 2011).

No âmbito de operações especiais, por exemplo no resgate de reféns, a arma ideal deveria neutralizar por completo os sequestradores sem provocar ferimentos ou lesões nas vítimas. Portanto qualquer efeito neutralizador deve ser controlável, de modo a que os reféns possam utilizar os seus próprios meios para uma eventual fuga. As ALR empregues neste tipo de situações podem variar, passando por *tasers*, granadas com explosivos luminosos, lasers para encadeamento, tudo dependendo do cenário, não podendo ser recomendado em nenhuma ação de formação sobre este tema que tipo de arma deverá ser utilizada, pois as variáveis podem ser imensas, desde os acessos em potencial do grupo de resgate, as capacidades e intenções dos terroristas, o uso de atiradores de elite entre outros fatores estão em jogo (Santos, 2011).

Ainda no âmbito de ações de antiterrorismo e para impedir o tráfico de droga as ALR têm um importante papel a desempenhar, nomeadamente em viaturas equipadas com determinados sensores ou até meios aéreos telecomandados (*drone*<sup>19</sup>) capazes de vigiar e intimidar criminosos, mostrando-se estes últimos bastante eficazes em conflitos passados como na guerra do Golfo ou da Somália (Santos, 2011).

Há um princípio que deve ser aplicado sempre que for possível num conflito, a regra da proporcionalidade, onde este último evoca um relacionamento razoável entre a destruição infligida e a significância militar do ataque. Por isso nos conflitos em zonas urbanas, a premissa chave contra uma insurreição é conquistar os corações e mentes da população afetada. Os insurgentes que se infiltram entre civis, são especialmente difíceis de neutralizar, todavia não é necessário ou desejável matá-lo para o derrotar. A habilidade de neutralizá-los tem a vantagem de conseguir tirar informações que podem ser críticas para a resolução da insurgência (Santos, 2011).

Algumas tecnologias não letais promissoras contra insurreições incluem químicos e gases lacrimogêneos, agentes calmantes, armas que provocam cegueira temporária, armas acústicas, armas de micro ondas ou até outras mais usuais tais como canhões de água ou projeteis não penetrantes (Santos, 2011).

---

<sup>19</sup> Veículo aéreo, marítimo, ou terrestre controlado por controlo remoto.

## 2.7. Escalada da violência vs uso da força

Se há efetivamente aplicabilidade pelas forças militares portuguesas de ALR, estas incidem principalmente em operações que as FND desempenham em missões em teatros como o do Kosovo.

Desde 2005 que as FND têm vindo a desempenhar operações em conjunto com forças aliadas que foram precedidas por treinos e exercícios com as mesmas, tendo sido sempre dado grande importância à preparação de potenciais confrontos de *Crowd Riot and Control* (CRC), designação que podemos traduzir por Controlo de Tumultos (CT) (Sousa, 2012).

Num artigo escrito pelo Major Alves de Sousa, é descrita a nossa integração com as outras forças envolvidas e o momento em que a evolução dos acontecimentos levou a certas medidas de ação entre os meses de outubro e dezembro de 2011.

O Kosovo, país independente desde 2008, com a oposição de estados como a Rússia, a China e a Índia, para além da própria Sérvia, entre outros, continua a trazer alguma instabilidade e incerteza ao panorama internacional (BBC, 2008).

Apesar de o Kosovo ter um governo eleito de forma livre (se bem que com a ausência de participação da minoria sérvia), este não controla a totalidade do território. Na parte habitada mais a norte do país (onde 60 mil sérvios ainda consideram Belgrado como sua capital), a sul do município de *Strpce* e nos pequenos enclaves espalhados pelo território, as autoridades kosovares não exercem qualquer soberania (Sousa, 2012).

É certo que a estabilidade política se tem mantido, mas não por mérito próprio. A relativa estabilidade que existe hoje no Kosovo deve-se à forte presença da comunidade internacional no terreno, que assegura algumas das funções básicas do Estado ao nível de segurança e da estabilidade política, económica e social (Sousa, 2012).

Uma das forças mais significativas empenhadas em desenvolver a estabilidade é a KFOR, onde as forças portuguesas desempenham a missão de reserva tática assumindo a designação de KTM. Até 2011 a EULEX<sup>20</sup> tinha como uma das suas funções a de controlar as fronteiras do norte, quando o Governo do Kosovo resolveu exercer a sua soberania e assumir esse controlo em todas as suas fronteiras, o que desencadeou uma oposição forte dos kosovares de origem sérvia (KOS) que expulsaram as forças policiais de origem

---

<sup>20</sup> Sigla em inglês para *European Union Rule of Law Mission in Kosovo* é uma força policial da União Europeia sediada em Pristina que tem como missão garantir o cumprimento da lei e que usa as suas valências e experiência para apoiar os objetivos mais importantes propostos pela EU (EULEX, 2012).

albanesa (KOA), bloqueando o acesso ao vale do rio Ibar a norte de Mitrovica, isolando o norte do Kosovo (Sousa, 2012).

No final de julho de 2011, sérvios locais incendiaram o posto de controlo de *Jarinje* para frustrar a tentativa das autoridades de Pristina assumissem o controlo. Barreiras foram erguidas em muitas estradas e os representantes da EULEX foram firmemente convidados a abandonar as suas posições. Este escalar de violência contrariou os planos da KFOR, que devia reduzir os seus efetivos de mais de 5000 homens. A KTM [que entretanto foi reforçada com os destacamentos de sapadores (FMOD<sup>21</sup>), equipas de operações psicológicas (TPT<sup>22</sup>), a esquadra de canhões de água e as equipas de filmagem (CCT<sup>23</sup>)] teve um importante papel nas operações de CRC com a remoção de *roadblocks*<sup>24</sup>, tentando restabelecer a liberdade de movimentos (Sousa, 2012).

No âmbito das ALR, estas cada vez mais são chamadas a intervir em teatros de operações de CT, na tentativa de evitar o escalar da violência, procurando a simpatia da opinião pública e que a população em tumulto disperse, tendo como objetivo principal o restabelecimento da ordem pública e a detenção dos cabecilhas. O emprego das armas empregues em CT têm um critério muito apertado de escolha e normalmente só é autorizada a sua utilização mediante o grau de violência gerado e ordem da hierarquia que analisa a situação. Deste modo existe uma figura que ilustra de certa maneira que para uma ação da população em tumulto, existe uma reação da força no terreno. As ROE e os princípios de utilização da força mínima, são uma premissa, mas podem em certas ocasiões serem limitativos, no entanto a salvaguarda da integridade física dos soldados é imperativa<sup>25</sup> (Sousa, 2012).

Se no terreno surgir uma situação de captura de um homem, não se pode estar à espera de autorização para sacar por exemplo um bastão para resgatar esse homem. Existe pois uma fronteira muito ténue entre o uso mínimo da força (que é o principio mais importante), a legítima defesa onde pode ser aplicado qualquer meio desde que obedeça à regra da proporcionalidade e necessidade e com o grau de escalada de violência (Sousa, 2012).

O anexo D apresenta uma figura que não pode ser lida de uma maneira matemática, apenas serve como uma referência, pois como já foi dito anteriormente a decisão da

---

<sup>21</sup> Sigla em inglês para *Freedom of Movement Detachment*

<sup>22</sup> Sigla em inglês para *Tactical Psychological Operation Team*

<sup>23</sup> Sigla em inglês para *Combat Camera Team*

<sup>24</sup> Barricada ou obstrução de uma estrada feita pela população para impedir a fuga ou passagem de, ou um fugitivo ou de forças inimigas

<sup>25</sup> Vide anexo D.

aplicação da força depende de cada teatro de operações e é dada pela hierarquia. Tal como é apresentado o uso de meios como gás pimenta, canhões de água e munições de borracha só podem ser aplicados com ordem do Comandante do Teatro em operações ofensivas, no caso da KTM estar em posição defensiva estes meios só podem ser empregues pelo Comandante da Força, obedecendo sempre aos princípios da proporcionalidade e necessidade (Sousa, 2012).

Para aplicar o uso da força num teatro de operações os militares regem-se sempre pela legislação portuguesa independentemente se estão em território nacional ou internacional. Segundo o CICV:

Os responsáveis pela aplicação da lei só podem recorrer ao uso da força quando todos os outros meios de alcançar um objetivo legítimo tiverem falhado (necessidade) e o uso da força puder ser justificado (proporcionalidade) em termos da importância do objetivo legítimo (legalidade) a ser alcançado. Os responsáveis pela aplicação da lei devem ser moderados quando usam a força e as armas de fogo e devem agir em proporção à gravidade da infração e ao objetivo legítimo a alcançar. Eles estão autorizados a usar apenas a força necessária para alcançar um objetivo legítimo (CICV, 2009, pp. 41-42).

---

---

## Parte II – Trabalho de Campo

### Capítulo 3

#### Metodologia e Procedimentos

##### 3.1. Método de abordagem e justificação

A metodologia de investigação aplicada neste TIA pretende guiar a pesquisa do investigador, nomeadamente na construção das perguntas de partida e derivadas mas também alcançar as respostas às mesmas. Neste trabalho optámos pelo método em que a teoria subordina a experiência empírica.

A *démarche* hipotético-dedutiva, defendida, por exemplo, por Gaston BACHELARD, valoriza o papel primordial e decisivo da teoria, nomeadamente nos primeiros momentos da pesquisa. A pesquisa empírica, subordinada à construção prévia da problemática e do modelo de análise, desenrola-se sob o signo das questões, dos conceitos e, sobretudo, das hipóteses diretoras. “O facto científico conquista-se, constrói-se, constata-se” (Gonçalves, 2004, p. 35).

O método dedutivo está associado a um processo em que o primeiro passo é o elaborar de uma hipótese a partir dum conjunto de pressupostos teóricos, organizados e consistentes e num segundo passo passar para a sua testagem/contestação. O teste está preocupado com a validação ou não duma teoria existente, sendo a dedução o meio de desenvolver esse teste de acordo com o modelo das ciências naturais. De acordo com o modelo científico de investigação, o investigador usa uma ou mais teorias para formular proposições que são conclusões lógicas ou previsíveis de acordo com a teoria. Em seguida, as proposições são testadas através da comparação das descobertas resultado da observação da realidade com os resultados esperados das proposições avançadas anteriormente (Cavaye, 1996) (Martins J. C., 2011).

A escolha deste método foi baseada no facto de que no início da escolha do tema o investigador ter delineado hipóteses para responder às questões derivadas seguido então da sua verificação como afirmativas ou negativas através da realização de entrevistas confrontando-as com as investigações teóricas como representado na figura 4.

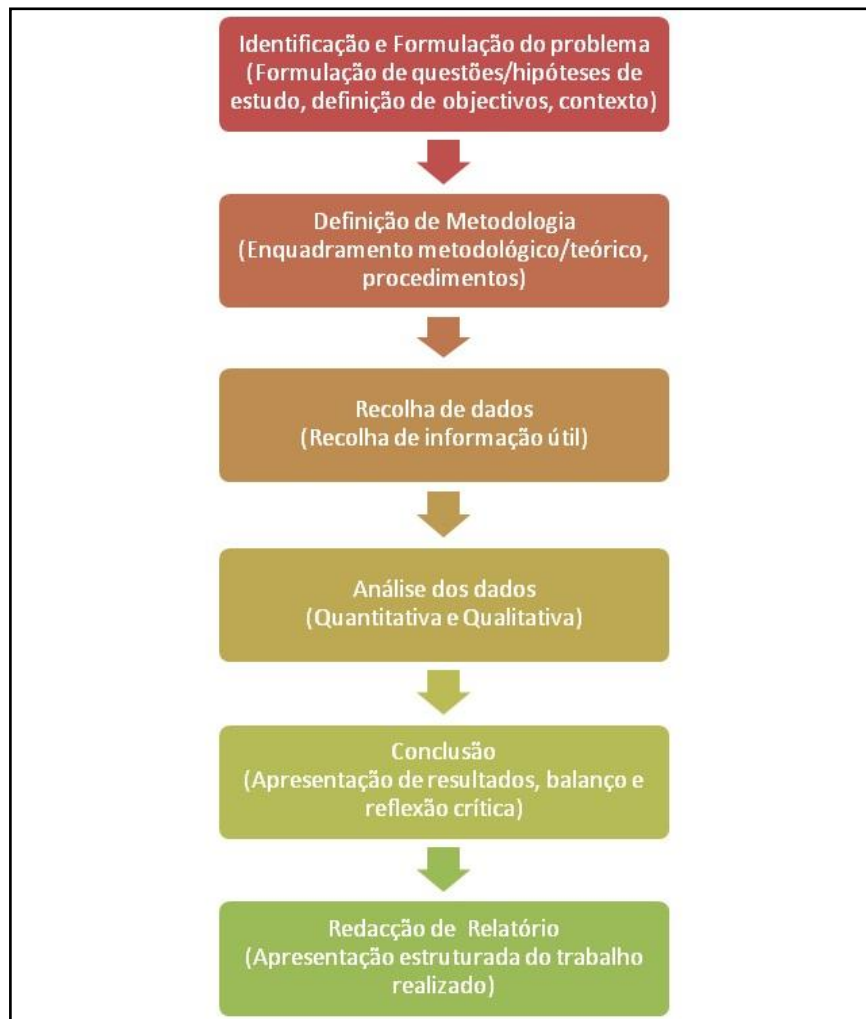


Figura nº 3 – Fluxograma das etapas de um trabalho de investigação (Francisco, 2010)

### 3.2. Técnicas, procedimentos e meios utilizados

Ao longo de todo o trabalho de investigação, a recolha de informação teve como base as entrevistas realizadas individualmente com cada entrevistado que, segundo (Sarmiento, 2008), são um tipo de informação primária qualitativa, em que se recolhe informação inquirindo apenas um indivíduo. De forma a obter uma maior amplitude de resultados o método usado consiste numa estrutura flexível dependendo do entrevistado em questão. Seguiu-se este modo para que as entrevistas tivessem um fio condutor entre si mas que pudessem sofrer algumas alterações, sendo o seu tipo

“entrevista por pautas apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. As pautas devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si” (Gil, 2008, p. 112).

O objetivo principal é extrair o máximo de informação possível dos entrevistados, de forma a conseguir obter um conhecimento claro das suas experiências, dos seus pontos de vista e das suas críticas construtivas relativamente às ALR e a sua aplicabilidade em situações críticas.

De modo a facilitar todo o processo comunicativo e como forma de evitar perda de informação essencial, as respostas são registadas sob a forma de texto corrido bem como notas, tornando mais acessível o manuseamento e o tratamento de cada entrevista e os dados auferidos.

Por motivos de força maior não foi possível realizar todas as entrevistas presencialmente, assim sendo, tornou-se imperativo recorrer ao método eletrónico para proceder a quatro das entrevistas, particularmente ao Major Alves de Sousa, 2.º Sargento Ribeiro, ao 2.º Cabo Carvalho e à Oficial Relações Públicas do DoD Kelley S. Hughes, posto isto, as entrevistas foram realizadas através da internet mais concretamente por *e-mail*.

Não contabilizando as entrevistas acima mencionadas, as restantes foram *face to face* recorrendo a um gravador de voz digital para facilitar numa outra fase a análise das mesmas.

### **3.3.Amostragem: composição e justificação**

A amostra é composta por seis militares e uma oficial relações públicas do JNLWD<sup>26</sup> com grande conhecimento sobre a matéria discutida no trabalho.

A diversidade da amostra levou o investigador a assumir que o guião não podia ser igual para todos os entrevistados sendo que todos tem experiências diferentes para contar, ou um estudo mais aprofundado da matéria de ALR.

A amostra começa então com o entrevistado n.º 1 que é um oficial que se encontra em Lanceiros no RL2, unidade onde se ministra o curso de controlo de tumultos<sup>27</sup> bem como se fazem estágios para a preparação de uma FND. Com esta entrevista o investigador

<sup>26</sup> Vide quadro n.º 1 na página 27

<sup>27</sup> Vide anexo C

conseguiu também ter mais conhecimento sobre a missão onde o E.1 participou e qual a sua visão relativa ao emprego das ALR.

Para ser coerente na escolha de entrevistados o investigador optou por escolher uma das missões realizada no Kosovo e entrevistou cinco militares que estiveram nesse teatro no ano de 2011 (E.2, E.3, E.4, E.5 e E.6). Sendo que escolheu um subalterno, dois sargentos e dois cabos, percebeu quais as dificuldades, o que fazer para melhorar e como foi o decorrer da missão no Kosovo e se é justificável ou não a utilização das ALR numa FND, apresentando sempre aspetos a melhorar o que ajudou o investigador a elaborar conclusões com base na experiência de militares que estiveram no TO. Quanto às entrevistas apenas seis foram analisadas sendo que a última não foi considerada como válida pela falta de respostas referente ao E.6 que se encontra em apêndice na sua totalidade (Apêndice F). Quanto à *speaker* do JNLWD o investigador conseguiu respostas que demonstraram grande conhecimento da matéria, para além de que a entrevistada aproveitou algumas das perguntas e citou o Exmo. Tenente General Richard T. Nixon, ex segundo comandante dos *Marine Corps for Plans, Policies and Operations* em perguntas que já lhe tinham feito e eram similares para dar mais valor as mesmas sendo estas a P.3, P.4, P.5, P.6 e P.7.

**Quadro 1 – Caracterização da amostra**

<b>N.º Entrevista</b>	<b>Entrevistados</b>	<b>U/E/O</b>	<b>Local</b>	<b>Data</b>
<b>E.1</b>	Major Alves de Sousa	RL2	EPI/Mafra	10/07/2013
<b>E.2</b>	Tenente Correia	2º BIMEc	2º BIMEc	30/06/2013
<b>E.3</b>	2º Sargento Ribeiro	2º BIMEc	EPI/Mafra	04/07/2013
<b>E.4</b>	2º Sargento Mota	2º BIMEc	2º BIMEc	27/06/2013
<b>E.5</b>	2º Cabo Nunes	2º BIMEc	2º BIMEc	02/07/2013
<b>E.6</b>	2º Cabo Carvalho	2º BIMEc	EPI/Mafra	11/07/2013
<b>E.7</b>	Public Affairs Ms. Kelley S. Hughes	Joint Non- Lethal Weapons Directorate	EPI/Mafra	25/06/2013

---

---

## **Capítulo 4**

### **Apresentação, Análise e Discussão de Resultados**

#### **4.1.Introdução**

O trabalho de campo corresponde inteiramente à prática de investigação, onde está exposto todo o trabalho experimental, nomeadamente os resultados que têm interesse direto para comprovar ou refutar as hipóteses e a sua discussão (Sarmiento, 2008).

Este capítulo está integralmente destinado à apresentação de todos os materiais de recolha de dados que serviram de alicerce a toda a investigação. Assim sendo, as fontes de informação utilizadas foram a primária e secundária.

Quanto às fontes de informação secundária foram cuidadosamente recolhidas, dando mais ênfase às mais recentes.

A informação primária foi qualitativa e obtida através de entrevistas semidirigidas, permitindo assim dar a conhecer ao leitor a opinião e experiência de alguns oficiais, sargentos e praças do Exército com algum conhecimento nas áreas designadas (Grawitz, 2001).

Para melhor perceber como o autor se guiou e analisou as entrevistas foram elaborados quadros resumo com as perguntas feitas e excertos mais importantes das respostas dadas. Desta maneira e confrontando com o material de investigação da parte I do trabalho tentou alcançar a confirmação ou negação das suas hipóteses como resposta às questões derivadas.

#### **4.2.Análise das Entrevistas**

#### 4.2.1. Análise e discussão da entrevista nº1

Segundo E.1 o uso de ALR é obrigatório, enfatiza ainda que, o uso da força para restabelecer a ordem deve ser utilizado somente em último lugar, uma vez que, é uma medida drástica e cada vez mais se luta pela diminuição da sua aplicabilidade. As situações operacionais devem reger-se sobretudo pelo pacifismo de forma a evitar danos físicos e materiais no adversário.

Contudo, e após indicação do E.1 existem momentos em que é imperativo aplicar o emprego de grandes efetivos, uma vez que, o uso das ALR não respondem prontamente ao que é pedido, ainda assim, o objetivo mantém-se, sendo ele, evitar a escalada de violência. Relativamente aos pontos fortes e fracos, o E.1 sublinha que ao evitar-se a força em detrimento do uso das ALR evita-se que o adversário recorra a ações violentas, porém, e como ponto fraco a força que é usada neste tipo de armamento fica mais exposta.

O E.1 realça que o uso de armamento não letal é permitido, desde que, estejam aptos para os usar e acima de tudo que haja uma formação consistente sob o risco do mau emprego e colocar em perigo as forças e os seus adversários, refere ainda que, existe uma grande variedade de ALR e que as mesmas são empregues de acordo com o MITM.

Quanto à pertinência de incluir mais ALR no Exército Português, o entrevistado menciona que, fazem falta armas *taser* e *pepper* gás, por último quanto às armas que compõe o RL2 E.1 refere três armas sendo elas, Bastão, LG *Cougar* e *Shoutgun*.

Quadro 2 – Entrevista Nº1

Nº Pergunta	Pergunta	Resumo das respostas do E.1
P.1	De acordo com a sua experiência no TO do Kosovo, de que modo considera a aplicabilidade das ALR numa FND?	Ver anexo D.
P.2	Em que situações a sua utilização pode ser mais vantajosa? e menos vantajosa?	“De acordo com os princípios de CT é obrigatório/doutrinário o uso de ALR” segundo o “...princípio da mínima força...” “O emprego da força, para restabelecer a Lei e a Ordem, deve ser considerado como uma medida

		<p>drástica, de último recurso; de qualquer forma, esse empenhamento deve ser sempre o mínimo necessário. As operações de CT devem realizar-se com as forças mínimas de modo a sujeitar o adversário ao menor dano físico e material.”</p> <p>“Também o uso da força deve restringir-se ao mínimo indispensável para o cumprimento da missão. A força excessiva ou desnecessária pode levar a população a aumentar a sua simpatia pelos agitadores, que assim se vêm transformados em vítimas, sendo as Forças de CT acusadas de brutalidade.”</p> <p>“Há porém ocasiões em que se torna necessário o emprego de grandes efetivos. No entanto, este empenhamento não vai colidir com o princípio da mínima força, uma vez que a presença de um efetivo apreciável evita, em muitos casos, a escalada da violência e a transformação de uma perturbação de reduzida importância numa confrontação em larga escala.”</p>
<p><b>P.3</b></p>	<p>Quais são as vantagens e desvantagens da utilização das armas de letalidade reduzida?</p>	<p>“Pelo atrás exposto é doutrinário o emprego das ALR neste tipo de operações.”</p>
<p><b>P.4</b></p>	<p>Podemos identificar pontos mais fortes e mais fracos no seu emprego nas operações de resposta à crise?</p>	<p>Quanto ao ponto forte fundamental relativo a este tipo de operações “ao não efetuar uma escalada da violência desnecessária evitamos que o adversário justifique ações violentas desse modo, ficando sempre com o ónus da ilegitimidade das mesmas.”</p> <p>“O ponto fraco, em geral pode-se considerar que a força fica mais exposta com o emprego destes meios. “</p> <p>“...relembro que é orgânico de qualquer Força CT o armamento letal, que fará uso dele sempre que a situação o exigir. Este não se encontra nas secções de proteção mas na Secção de Apoio do pelotão ou Esquadrão.”</p> <p>“...um dos desafios das operações de CT é procurar agir e não reagir. A reação é considerada como uma vingança, o que, para além de ser ilegal, é muito mal compreendido pela opinião pública e geralmente aproveitado/explorado pelos OCS. O Cmdt da</p>

		Força deve sempre procurar agir antecipando-se às ações adversárias.”
<b>P.5</b>	Podemos estabelecer situações nas quais as armas de letalidade reduzida são mais utilizadas? E em quais não deverão ser utilizadas?	“O emprego destas deve ser sempre considerado. Por lei é obrigatório o princípio de proporcionalidade e de necessidade. Em caso de legítima defesa, pessoal ou de terceiros, é permitido o uso de armamento letal por parte de quem esteja preparado para o usar.”
<b>P.6</b>	Existem alguns fatores ou características que deveria/ poderia ser alterado para melhorar a sua eficácia?	<p>“Estão definidos os procedimentos e posturas, técnicos e táticos, das Forças de CT. Um dos princípios destas forças é a necessidade de treino permanente...”</p> <p>“...algumas das características que os militares das forças de CT devem observar são calma, paciência e autocontrolo, resistente psicologicamente, capacidade para se manter alerta/atento, capacidade para assumir responsabilidades, inteligência e autoconfiança, imparcialidade e apartidarismo, bom senso e ponderação.”</p>
<b>P.7</b>	Qual a sua opinião sobre o uso das ALR e o seu impacto na credibilidade da força, nomeadamente nos órgãos de comunicação social Nacionais e Locais?	“Se forem observados os aspetos referidos nas questões anteriores, considero que a credibilidade da força não é afetada, pelo que isso não será relevado pelos OCS. Contudo, os aspetos anteriormente referidos exigem um elevado treino e forças com as características referidas, o que, infelizmente, muitas vezes não acontece expondo-se a força às críticas dos OCS.”
<b>P.8</b>	Qual a importância do treino dos militares com uso de armas de letalidade reduzida?irá o treino alterar procedimentos táticos para a implementação deste tipo de armamento?	“Como referido o treino é fundamental, sob o risco do mau emprego colocar em perigo as nossas tropas e o adversário. Os procedimentos estão definidos são conhecidos pelas forças que fazem uso dos mesmos.”
<b>P.9</b>	Serão as ALR disponíveis para os militares	<p>“Existem muitas ALR. Estas são empregues de acordo com o MITM.”</p> <p>“Apesar do quadro por mim elaborado na</p>

	portugueses suficientes para conseguirem desempenhar uma missão em que a força letal é dispensável, mas que por palavras também não se possa resolver?	questão nº 1, aquele deve ser considerado como uma referência fruto da minha experiência como Of Op da KTM (Kosovo Force Tactical Reserve Manoeuvre Battalion) GAM/BrigInt/KFOR nas Operações de CT ocorridas entre outubro e novembro de 2011 a Norte de Mitrovica.”
<b>P.10</b>	Na sua perspetiva existe mais armamento que o Exército Português poderia ter ao seu dispor no âmbito das ALR?	“Sim. Fazem-nos falta armas <i>taser e pepper gas</i> .” “...na altura das minhas operações de setembro a março de 2012 ainda não tínhamos <i>shotgun</i> com bagos de borracha, por esse facto recebemos de reforço uma parelha de militares austríacos equipados com aquele tipo de armamento durante as operações de CT do mês de dezembro de 2011.”
<b>P.11</b>	Qual o armamento de letalidade reduzida que equipa neste momento o RL2?	“Bastão, LG <i>Cougar</i> e <i>shotgun</i> . O LG <i>Cougar</i> em tiro direto também provoca efeitos psicológicos e não mata.”

#### 4.2.2. Análise e discussão da entrevista nº2

Segundo E.2 as vantagens do uso de Armas de Letalidade Reduzida têm um impacto forte e preponderante relativamente às operações no Kosovo, contudo, e contrapondo com as vantagens o maior risco referido pelo Entrevistado. Nº 2 estará nos tumultos ou tentativas de agressão pontuais por parte de elementos da população. Realçou ainda que a melhor forma de dispersar e manter a população longe dos tumultos e preservando a força das tropas envolventes é sem dúvida através de gás lacrimogéneo, apesar de não referir com exatidão nenhuma desvantagem, salienta que a sua utilização tem de ser muito ponderada e apenas em caso de necessidade extrema.

Relativamente às situações em que a utilização das ALR são mais vantajosas e menos vantajosas, o E.2 referiu que menos vantajosa, tem como exemplo uma operação que seja mais robusta onde sejam aplicados meios mais convencionais, ainda que mesmo assim possa ter utilização em situações muito específicas como o controlo de um alvo que não se queira morto. Quanto aos pontos mais fortes e os pontos menos fortes o E.2

respondeu que as armas de letalidade reduzida ALR mostram-se muito úteis quando conciliadas com forças de controlo de tumultos, permitindo a preservação das tropas e mantendo a proporcionalidade no uso da força já que o seu uso é feito à medida que a escalada de violência acontece. Assim sendo, o E.2 fez ainda alusão ao facto de no Kosovo as hipóteses de utilização de armas letais contra as forças da KFOR serem reduzidas, mas estão presentes, estando os militares prontos a usar força letal contra a população, em legítima defesa.

No seguimento da entrevista o E.2 comentou que em primeiro lugar, possuir os equipamentos, como, espingardas com bagos de borracha, arma de electro choques, entre outras, visto que só tinham granadas lacrimogéneas de mão, e o Lança Granadas Lacrimogéneas *Cougar* e bastões, é de facto uma mais-valia para o Exército Português, apesar disso, uma forma de melhorar significativamente a sua eficácia prende-se em ter este tipo de equipamento logo na fase de aprontamento em território nacional.

É fundamental referir que na ótica do E.2 o aumento da competência dos militares no uso das ALR, torna-os mais eficazes, e com menor tendência a recorrer a armas letais.

Segundo a experiência do E.2 o armamento de letalidade reduzida disponível aos militares portugueses, para conseguirem desempenhar uma missão em que a força letal é dispensável, apesar de existirem meios suficientes, nunca é tarde nem demais para aumentar o armamento das tropas portuguesas, e, seria um fator facilitador das operações se existissem mais meios ao dispor.

Por último, o E.2 explicou ainda que como Comandante de Pelotão, sem dúvida que a aposta neste tipo de armamento ALR é muito importante, visto que o objetivo nas OAP é de pacificação, como tal estas armas imobilizam mas não matam, preservando a opinião da população em relação à Força, assim sendo evita-se gerar violência em teatros propícios a tal.

Quadro 3 – Entrevista N°2

N° Pergunta	Pergunta	Resumo das respostas do E.2
P.1	Quais são as vantagens e desvantagens da utilização das armas de	“Enquadrando no Teatro de Operações do Kosovo, este tipo de armas traz inúmeras vantagens, visto ser um teatro em que não estando excluído o risco de utilização de armas de fogo contra as forças da KFOR, o maior risco

	letalidade reduzida?	<p>estará nos tumultos ou tentativas de agressão pontuais por parte de elementos da população.”</p> <p>“No caso do CT não há dúvidas que a melhor forma de dispersar e manter a população distante, preservando assim a nossa força é através de gás lacrimogéneo, evitando assim confrontos que poderão trazer baixas para os dois lados. A utilização de armas com balas de borracha, já teria de ser muito ponderada, porque pode provocar danos muito graves, e temos de ter sempre presente que violência gera violência.”</p> <p>“Arma de electro choques poderá também ter a sua utilidade, tanto em controlo de tumultos, para a detenção e imobilização de indivíduos identificados, como também numa mera operação de rotina como uma patrulha em que um individuo poderia tentar agredir um elemento da força, podendo assim parar imediatamente a sua investida, com o mínimo de danos para este, preservando assim a imagem da força no teatro.”</p> <p>“Não considero que existam desvantagens, de qualquer das formas, a sua utilização tem de ser muito ponderada e apenas em caso de necessidade.”</p>
<b>P.2</b>	Em que situações a sua utilização é mais vantajosa? E menos?	<p>“Como referido anteriormente e como é mais evidente no CT.”</p> <p>“...a situação onde a utilização deste tipo de armamento pode ser menos vantajosa, é numa operação que seja mais robusta onde sejam aplicados meios mais convencionais, ainda que mesmo assim possa ter utilização em situações muito específicas como o controlo de um alvo que não se queira morto...”</p>
<b>P.3</b>	Quais são os seus pontos mais fortes e quais os pontos mais fracos?	<p>“Estas armas mostram-se muito úteis conciliadas com forças de controlo de tumultos, permitindo a preservação das tropas e mantendo a proporcionalidade no uso da força já que o seu uso é feito à medida que a escalada da violência se dá...”</p> <p>“Se aplicadas corretamente e nos momentos certos tirando acidentes que possam ocorrer (lesões permanentes ou mesmo a morte de um alvo) as ALR na minha opinião não têm pontos fracos”</p>
<b>P.4</b>	Em que situações as armas de letalidade reduzida são mais utilizadas? E	<p>“No Kosovo as hipóteses de utilização de armas letais contra as forças da KFOR são reduzidas, mas estão presentes, estando os militares prontos a usar força letal contra a população, em legítima defesa e só quando utilizada força letal contra</p>

	menos?	estes.”
<b>P.5</b>	O que deveria ser alterado para melhorar a sua eficácia?	“Em primeiro lugar possuir os equipamentos, nomeadamente, espingardas com bagos de borracha, arma de electro choques, entre outras visto que só tínhamos granadas lacrimogéneas de mão, e o Lança Granadas Lacrimogéneas <i>Cougar</i> e bastões (se é que se pode considerar uma “arma”). Em segundo ter esse equipamento logo na fase de aprontamento em território nacional, melhorando a eficácia dos seus utilizadores.”
<b>P.6</b>	Quais as vantagens do treino dos militares no uso de armas de letalidade reduzida? E quais as desvantagens?	“Aumentar a sua competência no uso das mesmas, tornando-os mais eficazes, e com menor tendência a recorrer a armas letais.” “Mais uma vez o que pode acontecer quando se usam armas de letalidade reduzida é que ao serem aplicadas num alvo existe a possibilidade de causar danos ou lesões permanentes mas apenas nessa situação considero uma desvantagem”
<b>P.7</b>	Será o armamento de letalidade reduzida disponível aos militares portugueses, suficiente para conseguirem desempenhar uma missão em que a força letal é dispensável mas que por palavras também não se possa resolver?	“Até agora tem-se verificado suficiente, mas os meios nunca são demais, e seria um fator facilitador das operações ter mais alguns.”
<b>P.8</b>	Como comandante de pelotão numa missão, acha que o armamento não letal é suficiente para todas as missões lá executadas?	“Todas estas questões já foram respondidas anteriormente. Referi alguns tipos de ALR que penso que seriam úteis...” “A aposta neste tipo de armamento é muito importante, visto que o objetivo nas OAP é de pacificação, como tal estas armas imobilizam mas não matam, preservando a opinião da população em relação à Força. Ao fazermos baixas civis, poderemos estar a provocar uma escalada de violência, e em determinadas situações ao não possuir ALR, o único recurso poderão ser mesmo as armas letais...” “...violência gera violência.”

#### 4.2.3. Análise e discussão da entrevista nº3

Segundo o E.3 as vantagens na utilização de ALR prende-se essencialmente como o facto de exercer força sem o propósito direto de causar algum tipo de lesão permanente ou morte num alvo humano, ou seja, não causam tanto impacto na sociedade geral como em casos que recorra a armas letais. Relativamente às desvantagens, foi referido que, a distância reduzida em relação ao armamento convencional é um ponto de extrema importância, bem como, a maior vulnerabilidade da força que emprega armas de letalidade reduzida.

No decorrer da entrevista o E.3 com base na sua experiência referiu que, quanto às situações mais vantajosas para este tipo de armas são fundamentalmente em qualquer situação em que seja necessário aplicar técnicas de controlo de tumultos, tal como, na resolução de algum incidente que tenha um carácter mais específico para o emprego das ALR como a captura de algum alvo. Quanto a situações menos vantajosas, o E.3 referiu quando os beligerantes estão equipados com armamento letal/convencional, assim sendo torna-se um cenário mais crítico.

Quanto à questão relativa às situações em que as ALR são mais utilizadas, e menos utilizadas, o E.3, mencionou que as situações mais usadas são as de CT e na manutenção de ordem pública, contrariamente, em relação às situações onde são menos utilizadas é quando o conflito obriga a outro tipo de abordagem muito mais robusta por parte da força o que torna o uso das ALR menos necessário ainda que possam ter uso para situações mais específicas.

É imperativo que a doutrina que é inculcada no território português seja atualizada com o que realmente se executa no exterior, em relação ao que deveria ser alterado para melhorar a eficácia das ALR.

No seguimento da entrevista e respondendo à questão "Quais as vantagens do treino dos militares no uso de ALR? E quais as desvantagens?", o E.3 deu o seu parecer, sendo ele, que, o maior treino por parte dos militares vai certamente e objetivamente conferir uma maior compreensão na medida em que nem tudo o que se aprende em termos militares é imposto através de armas convencionais e por isso as próprias ações vão mudar em combate, quanto à desvantagem, é referido que na hora da decisão dos comandantes o emprego das armas convencionais torna-se o meio principal.

Do ponto de vista do E.3 o ALR atual ao dispor dos militares portugueses em missão é suficiente para o tipo de situações ao qual são expostos. Ainda assim, o armamento que existe à disposição dos militares poderá ser sempre melhorado e aumentado.

Segundo a perspectiva do E.3 e uma vez que, o mesmo esteve presente no Teatro de Operações no Kosovo, os escudos poderiam ser bem mais resistentes e os bastões mais compridos, quanto ao armamento ofensivo não letal o Exército Português deveria ter canhões de água e munições de borracha para o controlo de beligerantes.

Por último, o E.3 referiu ainda, que, na missão de 2011 no Kosovo o material que existia ao dispor dos militares baseava-se somente em, bastão, escudo e Lança Granadas *Cougar* 56mm.

Quadro 4 – Entrevista N°3

N° Pergunta	Pergunta	Resumo das respostas do E.3
P.1	Quais são as vantagens e desvantagens da utilização das armas de letalidade reduzida?	<p>“Quanto às vantagens temos o facto de exercer força sem o propósito direto de causar algum tipo de lesão permanente ou morte num alvo humano...”</p> <p>“...não causam tanto impacto no seio da sociedade...”</p> <p>“Quanto a algumas das desvantagens temos a distância reduzida em relação ao armamento convencional...”</p> <p>”...muito maior vulnerabilidade da força que emprega armas de letalidade reduzida.”</p>
P.2	Em que situações a sua utilização é mais vantajosa? E menos?	<p>“As situações mais vantajosas para este tipo de armas são fundamentalmente em qualquer situação em que seja necessário aplicar técnicas de controlo de tumultos...”</p> <p>“...na resolução de algum incidente que tenha um carácter mais específico para o emprego das ALR como a captura de algum alvo”</p> <p>“Quanto à situação menos vantajosa é quando os beligerantes estão equipados com armamento letal/convencional”</p>
P.3	Quais são os seus pontos mais fortes e quais os pontos mais fracos?	<p>“No que toca a pontos mais fortes vem o facto do uso deste armamento não causar a morte nem o impacto das armas letais na população.”</p> <p>“Os pontos fracos mais importantes a meu ver são a grande vulnerabilidade da força e a</p>

		necessidade de ter um muito maior número de homens empenhados”
<b>P.4</b>	Em que situações as armas de letalidade reduzida são mais utilizadas? E menos?	<p>“As situações mais usadas são nas de controlo CT e na manutenção de ordem pública...”</p> <p>“Em relação às situações onde são menos utilizadas é quando o conflito obriga a outro tipo de abordagem muito mais robusta por parte da nossa força o que torna o uso das ALR menos necessário ainda que possam ter uso para situações mais específicas.”</p>
<b>P.5</b>	O que deveria ser alterado para melhorar a sua eficácia?	“A doutrina que nos é inculcada no território português devia ser atualizada com o que realmente se executa do exterior”
<b>P.6</b>	Quais as vantagens do treino dos militares no uso de armas de letalidade reduzida? E quais as desvantagens?	<p>“O maior treino por parte dos militares vai-lhes conferir uma maior compreensão na medida em que nem tudo o que se aprende em termos militares é imposto através de armas convencionais e por isso as próprias ações vão mudar em combate...”</p> <p>“Já a desvantagem que vejo ser a principal, é na hora da decisão dos comandantes o emprego das armas convencionais”</p>
<b>P.7</b>	Será o armamento de letalidade reduzida disponível aos militares portugueses, suficiente para conseguirem desempenhar uma missão em que a força letal é dispensável mas que por palavras também não se possa resolver?	“Sim o armamento atual ao dispor pelos militares portugueses em missão é suficiente para o tipo de situações ao qual são expostos”
<b>P.8</b>	Como comandante de secção numa missão, acha que o armamento não letal é suficiente para todas as missões lá executadas?	“Não, porque o armamento que temos à nossa disposição pode, sempre, ser melhorado”

<b>P.9</b>	Que mais armamento devia o Exército Português ter ao seu dispor no âmbito das ALR?	“Sendo que estive no teatro do Kosovo acho que os escudos poderiam ser bem mais resistentes e os bastões mais compridos, quanto ao armamento ofensivo não letal o Exército Português deveria ter canhões de água e munições de borracha para o controlo de beligerantes.”
<b>P.10</b>	Que armamento de letalidade reduzida tinha ao seu dispor na missão do Kosovo 2011?	“Na missão tínhamos o bastão, o escudo e o Lança Granadas <i>Cougar</i> 56mm.”

#### 4.2.4. Análise e discussão da entrevista nº4

Segundo o E.4 as vantagens são claras, e os militares através de ALR conseguem minimizar um pouco a agressividade da população insurgente que está à frente e tentam desmotivar um pouco de se insurgirem contra aos mesmos. Em relação às situações em que a sua utilização é mais vantajosa e menos vantajosa o E.4 referiu que, existem situações específicas no sentido em que quando existe um determinado número de pessoas à frente dos militares, estes encontram-se numa situação de extrema tensão, o que pode fazer com que existam situações menos pacíficas, ou seja, menos vantajosas.

O E.4 referiu que principalmente tenta transmitir que os militares têm meios para se proteger e ao mesmo tempo, tendo essas armas, não estão lá para agredir fisicamente os seus adversários, nem colocam em causa a sua ideologia. Ainda assim, mencionou que os militares quando se encontram presentes em teatros de operações tentam proteger alguma coisa para um bem maior e nunca o contrário, passando a citar uma frase que o E.4 fez questão de dizer, (...)“não estamos presentes só porque queremos e porque nos apetece estar para os agredir, desempenhando a nossa função e usando as ALR criando um espaço, transmitindo que temos a força que podemos usar, mas ao mesmo tempo que não os queremos agredir”.

Com base na sua experiência em situações em que teve que se encontrar na linha da frente perante uma população insurgente, o E.4 deixou claro que, um militar tem que ser imparcial, tentando do seu lado aplicar o mínimo de força possível, tal como têm que saber que se responderem atingindo a população com meios mais agressivos que o ponto de

situação atual esteja a exigir eles vão retaliar da mesma forma acabando por se criar ali um escalar do grau de violência sem necessidade. Porém, o E.4 referiu que é importante deixar claro que, há sempre aqueles que entendem a presença no TO e os outros que são completamente contra, uma vez que existem duas etnias completamente diferentes (referindo-se ao Kosovo) sendo uma delas pacífica, que se dão bem com os militares, cumprimentavam e interagiam nas patrulhas e que dialogavam sem haver hostilidade visível, e a outra que mostrava uma grande atitude de desconfiança.

O E.4 explicou ainda que, durante o aprontamento para esta missão que foi de setembro a março tiveram treino específico de controlo de tumultos, alguns militares do quadro, quer oficiais, quer sargentos têm o curso de CT, os militares da companhia que não tinham a valência CT, foram para o RL2 ter um estágio de técnicas e táticas que se usam em Portugal. Segundo o E.4 o estágio serve para aprendizagem de conhecimentos, para começar a ter noção das coisas, depois a partir desse momento o mais importante é a prática no dia-a-dia com os homens as diversas táticas que podem surgir na realidade.

Por último o E.4 mencionou que relativamente ao equipamento usado no Kosovo, o equipamento existente já era bastante, os escudos apesar de serem um pouco frágeis nalgumas situações, ainda assim, o armamento é adequado para as situações que surgem.

Quadro 5 – Entrevista N°4

N° Pergunta	Pergunta	Resumo das respostas do E.4
<b>P.1</b>	Quais são as vantagens e desvantagens da utilização das armas de letalidade reduzida?	<p>“As vantagens são claras, e nós tentamos através de armas não letais minimizar um pouco a agressividade da população insurgente que está à nossa frente, tentar desmotivar um pouco de se insurgirem contra nós e demonstrarmos que nós temos algum poder...”</p> <p>“...embora eles também tenham sempre outros meios de nos contraporem, é uma forma de, usando essas armas não letais, não avançarmos logo para a máxima força e ao mesmo tempo garantirmos algum espaço de manobra e segurança para nós próprios, sem estarmos logo a partir para a agressividade física, para a violência perante os insurgentes.”</p>
<b>P.2</b>	Em que situações a sua utilização é mais vantajosa? E	“Em situações específicas no sentido em que quando temos um determinado número de pessoas à nossa frente e estamos há demasiado

	menos?	tempo sob tensão numa eventual ameaça...” “...a hipótese de empregarmos a força para criarmos um certo espaço...” “...quando estamos na linha da frente durante meia hora, uma hora, estamos em esforço a aguentar e levamos mais do que aquilo que efetivamente conseguimos dar, e para o pessoal conseguir resfriar um pouco os ânimos acaba por ser útil nesse sentido.”
<b>P.3</b>	Quais são os seus pontos mais fortes e quais os pontos mais fracos? O que é que o seu uso transmite à população?	“...do pouco que nós temos, aquilo que principalmente tento transmitir é que nós temos meios para nos proteger e ao mesmo tempo, tendo essas armas, não estamos lá para os agredir fisicamente, nem sermos contra a ideologia deles, mas sim porque estamos a tentar proteger alguma coisa para um bem maior...” “...não estamos presentes só porque queremos e porque nos apetece estar para os agredir, desempenhando a nossa função e usando as ALR criando um espaço, transmitindo que temos a força que podemos usar, mas ao mesmo tempo que não os queremos agredir.”
<b>P.4</b>	Houve situações em que tiveram que utilizar armamento não letal?	“Nós por acaso não tivemos de usar mas houve alturas em que saímos mesmo prontos para tudo, só mesmo enquanto situação de treino em que estávamos a praticar e mesmo assim nunca utilizamos o “Cougar” porque não havia necessidade disso, uma vez que era só uma fase de treino. Em situações reais, penso que sim, que será certamente vantajoso, dando uma lufada de ar fresco no desenrolar da ação.”
<b>P.5</b>	Falou-me em estar na linha da frente perante uma população insurgente. Em algum desses momentos esteve próximo de aplicar algum tipo de força?	“É claro que um militar tem que ver sempre os dois lados, tentando do nosso lado aplicar o mínimo de força possível...” “...sabemos que se respondermos atingindo a população com meios mais agressivos que o ponto de situação atual esteja a exigir eles vão retaliar da mesma forma acabando por se criar ali um escalar do grau de violência sem necessidade.”
<b>P.6</b>	Nesse tipo de situação a imagem que deixavam transparecer era a de uma mensagem positiva e que	“...há sempre aqueles que entendem a nossa presença no TO e os outros que são completamente contra, uma vez que lá haviam duas etnias completamente diferentes...” (referindo-se ao Kosovo) “havendo uma delas pacífica, que se davam bem connosco, cumprimentavam e interagiam nas patrulhas e que dialogavam sem haver hostilidade visível, a

	estavam ali com armas e os queriam atingir?	outra caso fossemos para o lado servo polaco a norte, onde havia a maior parte dos conflitos, onde por vezes lá havia casos isolados de tentativa de aproximação, que eram de certa forma amigáveis, a grande maioria tinha uma atitude de grande desconfiança...” “...havia sempre alguma agressividade. Parte compreendia a nossa presença e outra não, nunca dava para agradar a toda a gente.”
<b>P.7</b>	O que é que deveria ser alterado para influenciar a eficácia?	Nós não chegámos a utilizar qualquer tipo de ANL. O nosso efetivo também era reduzido o número de pessoas envolvidas também exercem pressão e tivemos essa experiência com os húngaros que um pelotão deles era quase dois dos nossos e quando eles atuavam conseguiam transmitir uma imagem de quantidade, podendo até nem ter a melhor qualidade, deixando deste modo a população com um certo receio devido ao seu número.”
<b>P.8</b>	Durante o aprontamento para esta missão que foi de setembro a março tiveram treino específico de controlo de tumultos. Os militares têm que tirar o curso do RL2 de CRC?	“Algum pessoal do quadro, quer oficiais, quer sargentos têm o curso de CT, o pessoal da companhia que não tinha a valência CT, foram para os lanceiros ter um estágio de técnicas e táticas que se usam em Portugal, embora quando chegássemos ao teatro de operações houvesse ligeiras alterações nas táticas que nos foram transmitidas através de dicas por parte do contingente anterior. Os graduados (...), tiveram uma semana de estágio em lanceiros e depois largos meses a praticar com o nosso pessoal e com graduados que tinham já tirado o curso.”
<b>P.9</b>	Esse estágio e treino foram suficientes para caso surgisse alguma insurgência desempenhar as funções?	“O estágio serve para aprendizagem de conhecimentos, para começar a ter noção das coisas, penso que é suficiente (...) depois a partir desse momento o mais importante é a prática no dia-a-dia com os nossos homens as diversas táticas que podem surgir na realidade.
<b>P.10</b>	Serão as ALR que equipam uma força para desempenhar uma missão no Kosovo suficientes para resolver uma situação mais	“Perante aquilo que temos ao nosso dispor acho que sim. Também entramos numa situação em que o conflito já existia há algum tempo, não fomos por isso a primeira força a entrar, mas perante o que temos e as diversas situações que surgiram, penso que é suficiente”

	problemática?	
<b>P.11</b>	Que mais equipamento é que seria necessário para armar uma FND, como é o caso das missões ao Kosovo?	<p>“Em geral o equipamento existente já era bastante, os escudos são um pouco frágeis nalgumas situações, mas o equipamento é adequado para as situações que surgiram.”</p> <p>“...depende dos diversos cenários, pois se estes forem diferentes pode dizer-se que a sua aplicação pode ou não ser válida...”</p> <p>“...meios úteis as viaturas que são usadas pela GNR e PSP em tumultos tais como viaturas com canhão de água.”</p>

#### 4.2.5. Análise e discussão da entrevista nº5

Segundo o E.5, as vantagens da utilização ALR é que não colocam diretamente em risco a força opositora, nem a dos militares portugueses, quanto às desvantagens da utilização de ALR é que numa situação de perigo maior para os militares não existe maneira de combater em igual, modo. A sua utilização é mais vantajosa no âmbito de CT quando se tem um confronto em que seja direto com a população, contudo, torna-se menos vantajosa quando é um combate desigual.

Relativamente à questão de quais os pontos fortes e os pontos fracos no uso de ALR, a imobilização da força opositora, quando se dá a necessidade do uso de granadas de gás Lacrimogéneo, não causa diretamente baixas à força opositora, segundo a opinião do E.5 (...)"quando se têm e podem usar não existem pontos fracos nas ALR(...)".

No seguimento da entrevista, o E.5, referiu que nas missões de apoio à paz, as ALR são mais utilizadas, contrariamente, são menos utilizadas nas missões de imposição de paz. Na ótica do E.5, a utilização de ALR é suficiente, pois às vezes as palavras não são suficientes para alcançar a resolução do conflito e sendo assim é necessário utilizar um certo grau de violência que permita o alcançar do sucesso sem ter de aplicar armamento letal.

Na perspetiva do E.5 enquanto soldado, o armamento não é suficiente para todas as missões, pois existem vários tipos de missões entre elas apoio à paz onde faz sentido utilizar ALR, se for uma imposição de paz a utilização de ALR devia ser combinada com armamento letal, pois o nível de risco é diferente sendo este maior.

Relativamente ao armamento de letalidade reduzida que o Exército Português detém, o E.5 refere que o exército devia ter ao seu dispor, armas *taser*, gás pimenta e armas com balas de borracha para deste modo aumentar a sua capacidade de atuação.

Por último, o E.5, mencionou que, a aplicabilidade das ALR numa FND é como o seu nome indica, letalidade reduzida, logo pode-se tirar um grande proveito da arma ou da situação sem que cause danos permanentes à população.

Quadro 6 – Entrevista N°5

N° Pergunta	Pergunta	Resumo das respostas do E.5
<b>P.1</b>	Quais são as vantagens e desvantagens da utilização das armas de letalidade reduzida?	“As vantagens da utilização ALR é que não colocam diretamente em risco a força opositora, nem a nossa.” “Quanto às desvantagens da utilização de ALR é que numa situação de perigo maior para a nossa força, não temos maneira de combater em igual modo.”
<b>P.2</b>	Em que situações a sua utilização é mais vantajosa? E menos?	“A sua utilização é mais vantajosa no âmbito de CT quando se tem um confronto em que seja direto com a população.” “...torna-se menos vantajosa quando é um combate desigual.”
<b>P.3</b>	Quais são os seus pontos mais fortes e quais os pontos mais fracos?	“...imobilização da força opositora, quando se dá a necessidade do uso de granadas de gás Lacrimogéneo.” “...não causa diretamente baixas opositoras...” “...na minha opinião quando se têm e podem usar não existem pontos fracos nas ALR”
<b>P.4</b>	Em que situações as armas de letalidade reduzida são mais utilizadas? E menos? Em que é que podiam ser mais?	“Missões de apoio à paz para mais utilizadas, são menos utilizadas nas missões de imposição de paz...” “...podiam ser mais usadas no treino regular das nossas tropas para melhor preparação”
<b>P.5</b>	O que deveria ser alterado para melhorar a sua eficácia?	“A adaptação conforme o meio assim o determinar e o treino regular que é fundamental.”
<b>P.6</b>	Quais as vantagens do	“Por exemplo no caso de armas com balas de borracha seria possível treinar com mais eficácia

	treino dos militares no uso de armas de letalidade reduzida? E quais as desvantagens?	combate em áreas edificadas...” “A desvantagem principal passa por não ser uniforme.”
<b>P.7</b>	Será o armamento de letalidade reduzida disponível aos militares portugueses, suficiente para conseguirem desempenhar uma missão em que a força letal é dispensável mas que por palavras também não se possa resolver?	“No meu ver a utilização de ALR é suficiente, pois às vezes as palavras não são suficientes para alcançar a resolução do conflito e sendo assim é necessário utilizar um certo grau de violência que permita o alcançar do sucesso sem ter de aplicar armamento letal.”
<b>P.8</b>	Como soldado numa missão, será o armamento não letal suficiente para todas as missões lá executadas?	“A meu ver não é suficiente para todas as missões, pois existem vários tipos de missões entre elas apoio à paz onde faz sentido utilizar ALR, se for uma imposição de paz creio que a utilização de ALR devia ser combinada com armamento letal, pois o nível de risco é diferente sendo este maior.”
<b>P.9</b>	Que mais armamento devia o Exército português ter ao seu dispor no âmbito das ALR?	“O exército devia ter ao seu dispor, armas <i>taser</i> , gás pimenta e armas com balas de borracha para deste modo aumentar a sua capacidade de atuação.”
<b>P.10</b>	Qual a aplicabilidade das ALR numa FND?	“A sua aplicação numa FND é como o seu nome indica, letalidade reduzida, logo podemos tirar um grande proveito da arma ou da situação sem que causemos danos permanentes à população.”
<b>P.11</b>	Que armamento não letal é que tinha ao seu dispor na missão?	“O armamento não letal ao meu dispor na missão era o LG <i>Cougar</i> com granadas de gás lacrimogéneo, granadas de mão de lacrimogéneo, o bastão de CT e escudo”

#### 4.2.6. Análise e discussão da entrevista nº 7

Segundo a E.7 este tipo de armamento não apresenta desvantagens já que afirma que é importante para acompanhar o escalar da violência ao encontrar-se entre a simples presença física e a força letal e ao usar as ALR determinamos a intenção da população hostil bem como podemos separar os combatentes dos civis.

Quanto às características que as ALR devem ter para as tornar mais relevantes e úteis para o alcançar da missão, a E.7 transmite que estas devem conferir precisão e capacidade de imobilização em alvos humanos ou materiais, devem ter bom alcance eficaz que permita estabelecer o contato com maior espaço de tempo e terreno e sempre que possível aplica-las em qualquer situação principalmente da sua necessidade for imediata.

Para responder à questão referente às situações onde estas armas podem ser mais ou menos utilizadas, a entrevistada referiu que as forças americanas cada vez mais realizam operações em terreno urbano onde os insurgentes se escondem no meio dos civis para sua própria proteção. Logo, todas as situações em que o uso destas armas possa proteger civis, será onde deve ser mais usado.

Na pergunta P.4 onde é perguntado se o uso destas armas pode denegrir a imagem dos EUA, como sendo uma nação a temer, a E.7 responde que nunca as armas letais vão ser substituídas por ALR e que a sua utilização inviabiliza o uso de força convencional, referindo também que os EUA vão sempre que necessário continuar a “locate, close with and destroy” todos os seus inimigos. Refere que se os homens, estando treinados nas duas vertentes letal e não letal vão poder aplicar os dois tipos de armamento de um modo mais diferenciado e assim conquistar a população.

Em relação à P.5 a E.7 refere que devido à evolução da sua utilidade por um grande espectro de operações, um maior número de comandantes começa a ver verdadeiramente que estas são uma boa escolha para apoiá-los em qualquer missão. Afirma ainda que um ponto forte que se tenta alcançar cada vez mais, é desenvolver munições de letalidade reduzida para as armas convencionais atuais.

Segundo a E.7 a entrevistada começa por referir que o propósito base do DoD JNLWP era fornecer aos seus soldados capacidade de proteção em ORC, contudo, hoje o objetivo é diferente já que o programa pretende albergar também operações irregulares.

A entrevistada afirma que atualmente existem inúmeras operações onde as ALR podem e são usadas pelas forças armadas dos EUA desde combate anti terrorismo, contra piratas, desde assistência humanitária, até manutenção de paz e mesmo reconstrução. Com

isto a entrevistada quis referir que as ALR estão presentes em cada vez mais tipos de operações sejam elas de guerra quente, conflito ou ORC.

A E.7 afirma que atualmente as tecnologias mais desenvolvidas são as ALR de energia dirigida que oferecem cada vez mais, maiores alcances e precisão. Para além deste tipo de armas, tentam também enveredar pelo desenvolvimento de munições para armas convencionais, como referido anteriormente, sendo que assim as forças não têm de levar peso extra.

Para a E.7 não muda muita coisa taticamente já que o completar de um curso de ALR confere apenas valências de instrutor e em 2012 o DoD ainda lançou um curso online que confere as noções básicas aos seus militares para se inteirarem do armamento que equipa o seu exército.

Quando foi perguntado à entrevistada qual era a sua opinião referente a qual seria o futuro das ALR sendo que atualmente existem mais ORC que combate convencional ao que a entrevistada responde que não era apropriado discutir sobre o futuro das operações.

Na P.11 a entrevistada afirma claramente que a grande versatilidade das ALR tem vindo a chamar muito a atenção de diversos comandantes pelo que se mostram bastante úteis em diversas fases do combate.

Em relação à última pergunta a E.7 afirmou que o JNLWD está a explorar o espectro eletromagnético para identificar novas e mais avançadas armas de energia dirigida. Estando os lasers, que servem ambos para comunicar entre forças bem como alertar forças amigas entre si, outra valência é o *Ocular Interruption Device* que facilita o controlo e permite maior segurança para quem é alvo do mesmo para que não cause lesões permanentes.

Quadro 7 – Entrevista N° 7

N° Pergunta	Pergunta	Resumo das respostas do E.7
P.1	What are the advantages and disadvantages of using Non Lethal Weapons?	“NLW provide the only escalation-of-force options between presence and lethal response. Their use to determine intent of potential hostiles or to isolate combatants from civilians highlights...”
P.2	What are the key attributes NLW should possess to	“NLW should offer precise and incapacitating effects on personnel or materiel that complement lethal means to promote a commander's freedom

	make them more relevant and useful to achieving mission success?	of action to seize the initiative, regardless of the military environment's complexities. NLW should also possess effective ranges that increase engagement space and time, and capabilities that satisfy formally identified gaps or urgent operational needs. Whenever possible, non-lethal weapons should be compatible with existing weapons/platforms and provide utility across the spectrum of conflict..."
<b>P.3</b>	In what kind of situations is their use more useful. And not useful?	"U.S. Armed Forces are increasingly likely to operate in urban environments in which the enemy hides among the innocent. Non-lethal capabilities that allow military forces to succeed in such environments without alienating endemic populations will be crucial. While existing NLW facilitate reductions in civilian casualties and property damage on a tactical level, emerging and future systems could offer such benefits on a larger, strategic scale.."
<b>P.4</b>	Will increased employment of NLW in today's operations degrade the U.S. Military's reputation as a tenacious and feared adversary?	"NLW will never replace lethal weapons, and their availability does not limit a commander's inherent right and obligation to exercise self-defense or employ lethal means. U.S. forces will continue to locate, close with and destroy our nation's enemies when called to do so. However, U.S. forces proficient in both lethal and non-lethal capabilities are better prepared for today's complex environments, and are able to leverage their superior training, weaponry and synchronization to lethally drive enemy combatants from the battlefield, or non-lethally engage targets in uncertain situations. Such discriminate use of force enhances our reputation, communicates our commitment to protect innocents, reassures strategic friends and allies, and helps to win "hearts and minds."
<b>P.5</b>	What are NLW strongest and weakest points?	"Due to their growing utility across a wide range of missions, I fully expect increased non-lethal weapons usage across all phases of operations. Growing numbers of commanders will recognize and appreciate, as I did, that non-lethal weapons facilitate unit adaptability to the most challenging environments...", "...and while fully scalable weapons may be years from development, we will strive to incorporate existing non-lethal munitions within fielded weapons and platforms to provide commanders with scalable effects systems in the near term."
<b>P.6</b>	How do NLW fit into the diverse	"The DoD NLWP was originally intended to provide warfighters with force protection

	nature of today's operations?	capabilities for CRO and limited contingency operations. The program is poised to have a much broader role in providing force application capabilities across the range of military operations, to include irregular warfare. While NLW will continue to be employed in traditional applications, there is growing appreciation for their use in operations like counterinsurgency.”
<b>P.7</b>	Situations where NLW are more and less used?	“U.S. forces are engaged in a broad range of military operations in support of national objectives. From anti-piracy to counterterrorism, from humanitarian assistance and disaster relief to stability and post-conflict reconstruction operations, U.S. armed forces are operating in increasingly diverse and difficult environments. The counter-personnel devices have been predominantly employed world-wide by several Services to include vehicle check-point and convoy scenarios to hail, warn, or even suppress approaching vehicles and pedestrians. Optical distracters (also referred to as non-lethal dazzling lasers) also provide maritime escalation-of-force options for a variety of missions to include port, harbor and force protection; interdiction or vessel board, search, and seizure; support or clearance functions; critical infrastructure protection; high-value unit escort and humanitarian assistance or disaster relief.”
<b>P.8</b>	What should be changed to improve its effectiveness?	“...emerging non-lethal directed energy weapons offer significant increases in ranges and precision. Development and fielding of non-lethal munitions for existing lethal weapons and platforms will produce scalable effects systems that afford commanders greater capability without the added weight of non-organic equipment.”
<b>P.9</b>	What are the pros and cons of the military training using NLW? Does it change much tactically?	“Does it change much tactically? The Inter-service NLW Instructor Course, known as INIWIC, is the only DoD NLW instructor course available to certify U.S. military personnel as NLW instructors. Completion of the training enables the newly certified instructors to become subject matter experts for their parent commands, training other unit personnel on the employment of non-lethal capabilities in a diverse range of challenging mission. The demand for U.S. forces trained and equipped with NLW continues to increase. During 2012, the JNLWD, launched a new NLW online

		course. The Introduction to NLW Course provides U.S. operating forces with basic knowledge of non-lethal weapons' characteristics, employment, policy, and their applications in a wide variety of military operations.”
<b>P.10</b>	In your opinion what will be the future of NLW considering the fact that peace operations are more common than conventional war?	“It is inappropriate to speculation on future peace operations/conventional war.”
<b>P.11</b>	Are NLW well seen by general population in a mission abroad?	“A growing number of Combatant Commanders, NATO working groups, and members of Congress recognize the versatility of these unique combat enablers and are seeking increased non-lethal capabilities and training for the force, and formal assessments on their utility.”
<b>P.12</b>	What NLW weapons significantly improve the capability of a force in mission abroad? Or do the military need more and better/more advanced weapons?	“The JNLWD is exploring the electromagnetic spectrum to identify new and advanced non-lethal directed energy capabilities. Low-energy dazzling lasers, such as the LA-9/P and the GLARE MOUT 532-M, have been fielded by the U.S. Marine Corps. Both lasers provide U.S. Marines non-lethal capabilities to communicate discrete, non-verbal hailing and warning signals to individuals while on patrol, convoys, entry control points and checkpoints. Advancement in safety and effectiveness is ongoing as the Marine Corps is currently developing a joint combat and materiel development called the Ocular Interruption Device, which will incorporate controls to reduce the risk of unintended lasing by automatically regulating the exposure to the laser.”

---

---

## Capítulo 5

### Conclusões e Recomendações

#### 5.1. Introdução

Neste capítulo vamos começar por introduzir o que vai suceder ao longo do mesmo.

Seguidamente realizámos a confrontação das informações recolhidas durante a investigação na parte referente à revisão de literatura e das entrevistas realizadas respondendo às questões derivadas sem verificar se as suas hipóteses são verificadas ou negadas.

A seguir e com as respostas das perguntas derivadas vamos verificar se as hipóteses levantadas foram as mais corretas ou se pelo contrário não são verificadas.

Com a junção de todas as informações alcançamos o propósito base de todo o TIA que é ver respondida a sua questão central que será o culminar de todo o trabalho e investigação.

Para a conclusão deste capítulo vamos mostrar quais foram as limitações ao seu estudo, bem como, mostrar algumas propostas e recomendações e onde um futuro académico pode continuar o trabalho por este começado.

#### 5.2. Resposta às Questões Derivadas e verificação das Hipóteses

Para responder à **QD1: Poderão as ALR em detrimento das convencionais ter melhor desempenho quando utilizadas nas missões de resposta à crise?** Julgamos que segundo o emprego das ALR e por aquilo que foi mencionado nas entrevistas um tipo de armamento nunca pode estar dissociado um do outro, muito menos criar uma independência, entre ambos. As ALR têm nas missões de resposta à crise uma grande importância pois quando se dá o escalar da violência, o que se segue às advertências orais e tentativa diplomática de resolução de conflitos é o escalar contínuo da violência e este tanto pode ser progressivo como abrupto. Mesmo assim, em ambos os casos o uso da força

tem de ser mínimo e tem de obedecer a uma série de princípios como o da proporcionalidade, legítima defesa, bem como dos direitos humanos. Sendo assim a aplicabilidade deste armamento pode de certa maneira prevalecer em detrimento do armamento convencional, contudo o segundo nunca deixará de poder ser usado se necessário.

Como possível resposta para esta pergunta tínhamos a seguinte hipótese: **Apesar da existência de armas convencionais, nas missões de resposta à crise a prioridade orienta para o uso de ALR.** A hipótese é assim confirmada já que as respostas dos entrevistados e as investigações realizadas para a revisão de literatura seguem o mesmo caminho, ou seja, há um ponto de encontro entre ambas.

A resposta à **QD2: Quais as vantagens que uma FND tem ao usar este tipo de armamento em ORC?** Passa por novamente conseguir a transposição entre a resolução por palavras e o uso letal da força que muitas das vezes é demasiado robusto para a situação que se vive numa FND. Segundo todos os entrevistados, as ALR são indubitavelmente uma mais-valia ao facilitarem armamento que possa acompanhar o escalar da violência e mostrar força a insurgentes, sem que tenham de causar danos permanentes, ou morte nos alvos no CB para a resolução de conflitos. Para esta pergunta foi levantada a seguinte hipótese: **Numa FND ao aliar armamento convencional ao de letalidade reduzida consegue-se adequar com mais facilidade o escalar da violência.** A hipótese é confirmada já que todos os entrevistados partilham da mesma opinião em relação a esta resposta que acima foram referidas.

À **QD3: Será o equipamento e as ALR existentes, suficientes para que uma FND consiga desempenhar com sucesso uma qualquer missão internacional no âmbito das ORC?** Foi alcançada a resposta quer através dos entrevistados como das pesquisas efetuadas em que neste momento aquilo que Portugal tem ao seu dispor para a resolução das missões tem sido suficiente para as missões recebidas. Contudo o equipamento não vai durar para sempre e à medida que o tempo avança, novas armas, diferentes maneiras de combater são geradas e torna-se cada vez mais complicado o cumprimento daquilo que pedem aos militares. Sobre este ponto de vista e dirigindo diretamente à pergunta derivada, o equipamento é suficiente mas não para a totalidade das missões que podem vir a ser pedidas ao Exército Português, já que estas missões podem necessitar de ALR mas que devido à fragilidade das mesmas não seja possível realizar a missão recorrendo apenas a estas, como é o caso dos escudos. Como hipóteses para esta pergunta derivada: **O equipamento e as ALR disponíveis podem eventualmente não**

---

**serem suficientes para desempenhar com sucesso determinadas missões no âmbito das ORC, tendo em conta a situação nomeadamente o terreno e os beligerantes.** Esta hipótese não foi inteiramente verificada pelo que podem aparecer num futuro próximo missões que possam colocar em risco toda a força, derivado ao equipamento usado atualmente.

### **5.3.Resposta à Questão Central**

O papel fundamental de todos os militares que executam missões de resposta à crise mais concretamente manutenção de paz, não envolve regra geral o combate efetivo e bélico.

Desta feita, as ALR podem desempenhar um papel fundamental como auxiliares de resolução de conflitos, para controlar todo e qualquer movimento que vá contra a missão que estes militares desempenham todos os dias numa FND.

Ao longo de todo o trabalho analisámos primeiro teoricamente o que havia a saber sobre as ALR versando cronologicamente sobre o que é considerada uma ALR, a sua evolução até a atualidade, o que representam aos olhos da justiça, a sua classificação, ordenação, novas tecnologias e seus efeitos, quais as ALR presentes no Exército Português. Seguidamente vimos qual o emprego das mesmas identificando onde se podem usar, de que maneira e sobre que bitolas, numa segunda fase e seguindo uma metodologia específica, escolhemos uma amostra de militares com experiência na temática e alcançámos assim as informações para que quando comparadas com a parte teórica nos fizessem chegar a uma resposta final sobre a pergunta central do trabalho que é: **“Qual a aplicabilidade das armas não letais/letalidade reduzida nas operações de apoio à paz para uma Força Nacional Destacada?”** Respondendo então à questão central do presente trabalho, consideramos que provavelmente será nos dias que correm, a altura mais indicada para o desenvolvimento destas armas, já que nos conflitos armados atuais a comunicação social está mais que presente e aliado ao facto da existência de tratados que protegem a vida humana acima de tudo, tornam as ALR o armamento por excelência que paira *between shouting and shooting*.

ALR oferecem uma nova visão dos conflitos armados especialmente na área das ORC. Ainda assim, não se esgotam a si próprias neste conceito já que a cada ALR produzida tem na mesma de se submeter a rigorosos testes para averiguar o seu

desempenho e eficiência no CB. Não podemos desta maneira pensar unicamente na teoria, sendo necessário também ver os aspetos práticos do uso destas armas. Estas armas, neste momento são uma valência de enorme importância no acompanhar da escalada de violência e por isso fundamentais em qualquer TO, para que se minimizem as baixas e ao mesmo tempo controlar a situação. Ao avaliar as respostas de todos os entrevistados a opinião é transversal por todos, na medida em que as ALR têm cada vez mais aplicabilidade não só nas missões onde estão a ser empregues, mas também em combate convencional onde desempenham um papel cada vez mais reconhecido por todos. Segundo o príncipe Chuang em 597 a.C. “*O verdadeiro objetivo da guerra é a paz*” e por esta frase passa muito da aplicabilidade das ALR já que o objetivo é alcançar a paz acompanhando as exigências atuais da sociedade em não provocar danos irreversíveis ou mesmo a morte.

#### **5.4.Limitações à Investigação**

Para além da dificuldade que um trabalho de investigação aplicada tem por si só, acrescentam-se, algumas limitações que dificultaram o culminar da sua resolução.

O facto de não haver muita informação na língua portuguesa relativamente ao tema promoveu em muito a utilização da internet como fonte de documentação para a realização do trabalho, ainda que, já se vejam mais documentos relativos às ALR por parte de portugueses os mesmos ainda são muito escassos.

Como limitação, também o facto do nosso país ainda não ter muito equipamento de letalidade reduzida e muito menos atual, especialmente no Exército Português.

A falta de incorporações no ano letivo de 2012/2013 promoveu uma série de acontecimentos que por si só constituíram uma restrição.

#### **5.5.Propostas e Recomendações**

Numa altura de austeridade, Portugal deve manter o foco nas FND que tem pelo Mundo e garantir-lhes as condições necessárias para o cumprimento das suas missões mas nunca deixando para trás temáticas tão importantes como a das ALR que cada vez mais representam um papel fundamental nos conflitos devido ao grande desenvolvimento das

redes sociais onde uma força pode ser facilmente exposta, avaliada e aceite ou não pela população residente.

### **5.6. Investigações Futuras**

Ao iniciar este trabalho deparámo-nos com poucas informações provenientes do nosso país, ainda que haja agora mais académicos a debruçarem-se nesta temática muito mais existe para abordar. A maioria da informação foi obtida a partir de autores estrangeiros onde os seus países têm um investimento forte nas ALR.

Mais pode ser dito, mais pode ser estudado relativamente ao emprego de ALR pelo nosso país mais concretamente relativo ao armamento específico que equipa o Exército Português.

Desta forma para incentivar futuras investigações, a nossa sugestão passa por analisar e prevenir a utilização das ALR já que algumas destas armas ainda que inseridas nesta categoria podem matar, ou causar danos irreparáveis no alvo e ainda podem ser usadas em situações não legais como tortura. Outra sugestão que deixamos, seria o de analisar a equação entre a utilização de ALR face à violência e o que a justiça poderá dizer e aplicar face à sua utilização.

---

---

## Bibliografia

Academia Militar & Universidade do Minho. (2002). *Armas Não Letais*. Obtido em 20 de junho de 2013, de Universidade do Minho: <http://www3.dsi.uminho.pt/academiamilitar/2002/Capitulo6/ReseDefi.htm>

Academia Militar. (1 de junho de 2013). NEP 520/2ª. *Ensino e Formação(Trabalho de Investigação Aplicada (TIA))*. Lisboa, Portugal: Academia Militar.

American Psychological Association. (2010). *Publication Manual of the American Psychological Association* (6ª Edição ed.). Washington, DC, Estados Unidos da América: Automated Graphic Systems.

BBC. (17 de fevereiro de 2008). *Kosovo MPs proclaim independence*. Obtido de BBC News: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe7249034.stm#upup>

CICV. (agosto de 2009). *Violência e uso da força*. Obtido de International Committee of The Red Cross: [http://www.icrc.org/por/assets/files/other/icrc\\_007\\_0943.pdf](http://www.icrc.org/por/assets/files/other/icrc_007_0943.pdf)

Clausewitz, C. V. (1968). *On War*. Penguin Classics.

Coprroration, H. S. (2011). *Non-Lethal Weapons: Technologies & Global Market*. Obtido de Homeland Security Research: <http://www.homelandsecurityresearch.com/wp-content/uploads/2011/10/Non-Lethal-TOC.pdf>

Davison, N. &. (dezembro de 2006). *The Early History of "Non-Lethal" Weapons*. Bradford: University of Bradfords. Obtido de University of Bradford: [http://www.bradford.ac.uk/acad/nlw/research\\_reports/docs/BNLWRP\\_OP1\\_Dec06.pdf](http://www.bradford.ac.uk/acad/nlw/research_reports/docs/BNLWRP_OP1_Dec06.pdf)

---

Deyra, M. (2001). *Direito Internacional Humanitário* (nº 1 ed.). Procuradoria Geral da República Gabinete de Documentação e Direito Comparado.

Directorate, J. N.-L. (junho de 2011). *Non-lethal Weapons Reference Book*. Estados Unidos da América: Department of Defense.

DoD. (8 de novembro de 2010). *Joint Publication 1-02*. Obtido em 4 de julho de 2013, de defense: [http://ra.defense.gov/documents/rtm/ip1\\_02.pdf](http://ra.defense.gov/documents/rtm/ip1_02.pdf)

DoD. (25 de abril de 2013). *Directive*. Obtido em 9 de julho de 2013, de Defense Technical Information Center: <http://www.dtic.mil/whs/directives/corres/pdf/300003p.pdf>

DoD. (junho de 2013). *Organization*. Obtido em 24 de junho de 2013, de U.S. Department of Defense Non-Lethal Weapons Program: <http://jnlwp.defense.gov/about/organization.html>

Dutta, A. (3 de junho de 2009). *The Case for Employing Non-Lethal Weapons*. *IDSIA Comment*. India.

EULEX. (2012). *eulex-kosovo*. Obtido em 20 de junho de 2013, de European Union Rule of Law Mission: [www.eulex-kosovo.eu/en/info/whatisEulex.php](http://www.eulex-kosovo.eu/en/info/whatisEulex.php)

Exército Português. (2001). *Ficha de material do Exército Português*. Obtido em 22 de maio de 2013, de exercito: [http://www.exercito.pt/meios/Documents/media\\_MeiosOp/Armamento/COUGAR%2056mm.pdf](http://www.exercito.pt/meios/Documents/media_MeiosOp/Armamento/COUGAR%2056mm.pdf)

Exército Português. (fevereiro de 2010). *Abreviaturas Militares*. *PDE 0-18-00*.

Fialho, J. C. (16 de outubro de 2012). *Onze feridos em confrontos entre polícia e manifestantes diante do Parlamento*. Obtido em 8 de julho de 2013, de rtp: <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=595576&tm=8&layout=122&visual=6>

- 
- Fidler, D. (setembro de 2005). *The meaning of Moscow: "Non-lethal" weapons and international law in the early 21st century*. Obtido em 1 de julho de 2013, de International Committee of the Red Cross: [http://www.icrc.org/eng/assets/files/other/irrc\\_859\\_fidler.pdf](http://www.icrc.org/eng/assets/files/other/irrc_859_fidler.pdf)
- Fiely, D. (1995). *Air & Space Power Journal*. Obtido de Armas Não Letais: Tecnologias, Aspectos Legais e Políticas em Potencial: <http://www.airpower.maxwell.af.mil/apjinternational/apj-1995/4tri95/pmcgowan.html>
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Fonseca, A. M. (s.d.). *Pacemaker*. Obtido de Sapo : <http://saude.sapo.pt/saude-medicina/o-corpo/partes-do-corpo/pacemaker.html>
- Francisco, M. (outubro de 2010). *O processo de Investigação*. Obtido em 16 de junho de 2013, de Metodologias de Investigação na Educação: <http://miemf.wordpress.com/atividade1-o-processo-de-investigacao/>
- Freixo, M. (2009). *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª Edição ed.). São Paulo: Atlas S.A. Obtido de [http://www.moodle.ufba.br/file.php/12618/Livro\\_Antonio\\_Carlos\\_Gil.pdf](http://www.moodle.ufba.br/file.php/12618/Livro_Antonio_Carlos_Gil.pdf)
- Gonçalves, A. (2004). *Métodos e Técnicas de Investigação Social I*. Obtido em 15 de junho de 2013, de Tendências do Imaginário: <http://tendimag.files.wordpress.com/2012/09/mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-investigac3a7c3a3o-social-i.pdf>
- Grawitz, M. (2001). *Méthodes des sciences sociales*. Dalloz.
-

- 
- Haberland, B. B. (dezembro de 2006). Certain Controversies Concerning No-Lethal Weapons. *New Zealand Armed Forces Law Review*, p. 20.
- Larsen, K. (2008). Attribution of Conduct in Peace Operations: The "Ultimate Authority and Control" Test. *European Journal of International Law*, 19, 509-531.
- Lei n.º5/2006. (23 de fevereiro de 2006). *Diário da República, I Série-A, N.º39*, 1462.
- Machado, M. (30 de abril de 2009). Brigada Mecanizada em Campanha. *Operacional*.
- Martins, J. C. (2011). *Métodos de Investigação Qualitativa Estudos de Casos na Investigação em Sistemas de Informação*. Obtido em 16 de junho de 2013, de Academia Militar: <http://www.academiamilitar.pt/proelium-n.o-14/metodos-de-investigacao-qualitativa-estudo-de-casos-na-investigacao-em-sistemas-de-informacao.html>.
- Martins, R. (maio de 2012). Utilização de armamento não-letal: um vetor de desenvolvimento de capacidades para as forças armadas. *Boletim Ensino*, pp. 133-163.
- Nick Lewer, N. D. (2005). *Non-lethal technologies - an overview*. Obtido de [www.fas.org](http://www.fas.org): <http://www.fas.org/programs/bio/chemweapons/documents/Lewer%20and%20Davison.pdf>
- OTAN. (2004). *Non-Lethal Weapons and Future Peace Enforcement Operations*.
- Popper, K. (2006). *A Lógica da Pesquisa Científica* (12ª ed.). São Paulo, Brasil: Pensamento-Cultrix, Lda.
- Portugal, I. A. (2005). Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. *III*, 832. Lisboa, Portugal: Temas e Debates.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (fevereiro de 2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (G. Valente, Ed.) Lisboa: Gradiva.
-

- 
- Rudy. (10 de março de 2009). *Armas Não Letais*. Obtido em 4 de junho de 2013, de wordpress: <http://rudy2.wordpress.com/armas-nao-letais-parte-1/>
- Safariland. (2011). *Stinger Grenade*. Obtido em 10 de julho de 2013, de defense technology: <http://www.defense-technology.com/pdfs/specs/Stinger%20Grenade%20Rev%203-11.pdf>
- Salem, J. K. (2012). *Charpter 12 Incapacitatiing Agents*. Obtido em 13 de julho de 2013, de Amedd Center & School: [https://ke.army.mil/bordeninstitute/published\\_volumes/chemwarfare/Ch12\\_pgs411-440.pdf](https://ke.army.mil/bordeninstitute/published_volumes/chemwarfare/Ch12_pgs411-440.pdf)
- Santos, R. (2011). Manual do aluno. *M211 - Elementos de armamento*. Portugal: Academia Militar.
- Sarmento, M. (2008). *Guia Prático sobre a Metodologia Científica* (2ª ed.). Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Sousa, N. A. (julho de 2012). CRC numa FND Multinacional - Um Desafio Permanente. *Dragões D' Entre Douro e Minho*, pp. 36-39.
- Stocker, H. (2004). *Non-Lethal Weapons: Opportunities for R&D*. Ottawa.
- Stuart, B. (29 de Outubro de 2007). *Report on Conducted Energy Weapons and Excited Delirium Syndrome*. Obtido de Royal Canadian mounted Police.
- United Nations Secretariat. (18 de janeiro de 2008). *United Nations Peacekeeping Operations*. Obtido em 13 de maio de 2013, de unlb: [http://pbpu.unlb.org/pbps/library/capstone\\_doctrine\\_eNg.pdf](http://pbpu.unlb.org/pbps/library/capstone_doctrine_eNg.pdf)
- University of Ulster. (2007). *A Chronology of the Conflict*. Obtido em 2 de julho de 2013, de Conflict Archive on the Internet: <http://cain.ulst.ac.uk/othelem/chron/ch70.htm#Aug>
-

---

---

## Apêndices

---

**Apêndice A: Guião da entrevista nº 1**
**Quadro 8 – Guião da Entrevista nº 1**

<b>Nº Pergunta</b>	<b>Pergunta</b>
<b>P.1</b>	De acordo com a sua experiencia no TO do Kosovo, de que modo considera a aplicabilidade das ALR numa FND?
<b>P.2</b>	Em que situações a sua utilização pode ser mais vantajosa? e menos vantajosa?
<b>P.3</b>	Quais são as vantagens e desvantagens da utilização das armas de letalidade reduzida?
<b>P.4</b>	Podemos identificar pontos mais fortes e mais fracos no seu emprego nas operações de resposta à crise?
<b>P.5</b>	Podemos estabelecer situações nas quais as armas de letalidade reduzida são mais utilizadas? E em quais não deverão ser utilizadas?
<b>P.6</b>	Existem alguns fatores ou características que deveria/ poderia ser alterado para melhorar a sua eficácia?
<b>P.7</b>	Qual a sua opinião sobre o uso das ALR e o seu impacto na credibilidade da força, nomeadamente nos órgãos de comunicação social Nacionais e Locais?
<b>P.8</b>	Qual a importância do treino dos militares com uso de armas de letalidade reduzida? Irá o treino alterar procedimentos táticos para a implementação deste tipo de armamento?
<b>P.9</b>	Serão as ALR disponíveis para os militares portugueses suficientes para conseguirem desempenhar uma missão em que a força letal é dispensável, mas que por palavras também não se possa resolver?
<b>P.10</b>	Na sua perspetiva existe mais armamento que o exército português poderia ter ao seu dispor no âmbito das ALR?
<b>P.11</b>	Qual o armamento de letalidade reduzida que equipa neste momento o RL2?

**Apêndice B: Guião da entrevista nº 2****Quadro 9 – Guião da entrevista nº 2**

<b>Nº Pergunta</b>	<b>Pergunta</b>
<b>P.1</b>	Quais são as vantagens e desvantagens da utilização das armas de letalidade reduzida?
<b>P.2</b>	Em que situações a sua utilização é mais vantajosa? E menos?
<b>P.3</b>	Quais são os seus pontos mais fortes e quais os pontos mais fracos?
<b>P.4</b>	Em que situações as armas de letalidade reduzida são mais utilizadas? E menos?
<b>P.5</b>	O que deveria ser alterado para melhorar a sua eficácia?
<b>P.6</b>	Quais as vantagens do treino dos militares no uso de armas de letalidade reduzida? E quais as desvantagens?
<b>P.7</b>	Será o armamento de letalidade reduzida disponível aos militares portugueses, suficiente para conseguirem desempenhar uma missão em que a força letal é dispensável mas que por palavras também não se possa resolver?
<b>P.8</b>	Como comandante de pelotão numa missão, acha que o armamento não letal é suficiente para todas as missões lá executadas?

---

**Apêndice C: Guião da entrevista nº 3**
**Quadro 10 – Guião da entrevista nº 3**

<b>Nº Pergunta</b>	<b>Pergunta</b>
<b>P.1</b>	Quais são as vantagens e desvantagens da utilização das armas de letalidade reduzida?
<b>P.2</b>	Em que situações a sua utilização é mais vantajosa? E menos?
<b>P.3</b>	Quais são os seus pontos mais fortes e quais os pontos mais fracos?
<b>P.4</b>	Em que situações as armas de letalidade reduzida são mais utilizadas? E menos?
<b>P.5</b>	O que deveria ser alterado para melhorar a sua eficácia?
<b>P.6</b>	Quais as vantagens do treino dos militares no uso de armas de letalidade reduzida? E quais as desvantagens?
<b>P.7</b>	Será o armamento de letalidade reduzida disponível aos militares portugueses, suficiente para conseguirem desempenhar uma missão em que a força letal é dispensável mas que por palavras também não se possa resolver?
<b>P.8</b>	Como comandante de secção numa missão, acha que o armamento não letal é suficiente para todas as missões lá executadas?
<b>P.9</b>	Que mais armamento devia o Exército português ter ao seu dispor no âmbito das ALR?
<b>P.10</b>	Que armamento de letalidade reduzida tinha ao seu dispor na missão do Kosovo 2011?

---

**Apêndice D: Guião da entrevista nº 4**
**Quadro 11 – Guião da entrevista nº 4**

<b>Nº Pergunta</b>	<b>Pergunta</b>
<b>P.1</b>	Quais são as vantagens e desvantagens da utilização das armas de letalidade reduzida?
<b>P.2</b>	Em que situações a sua utilização é mais vantajosa? E menos?
<b>P.3</b>	Quais são os seus pontos mais fortes e quais os pontos mais fracos? O que é que o seu uso transmite à população?
<b>P.4</b>	Houve situações em que tiveram que utilizar armamento não letal?
<b>P.5</b>	Falou-me em estar na linha da frente perante uma população insurgente. Em algum desses momentos esteve próximo de aplicar algum tipo de força?
<b>P.6</b>	Nesse tipo de situação a imagem que deixavam transparecer era a de uma mensagem positiva e que estavam ali com armas e os queriam atingir?
<b>P.7</b>	O que é que deveria ser alterado para influenciar a eficácia?
<b>P.8</b>	Durante o aprontamento para esta missão que foi de setembro a março tiveram treino específico de controlo de tumultos. Os militares têm que tirar o curso dos lanceiros de CRC?
<b>P.9</b>	Esse estágio e treino foram suficientes para caso surgisse alguma insurgência desempenhar as funções?
<b>P.10</b>	Serão as ALR que equipam uma força para desempenhar uma missão no Kosovo suficientes para resolver uma situação mais problemática?
<b>P.11</b>	Que mais equipamento é que seria necessário para armar uma FND, como é o caso das missões ao Kosovo?

---

**Apêndice E: Guião da entrevista nº5**
**Quadro 12 – Guião da entrevista nº 5**

<b>Nº Pergunta</b>	<b>Pergunta</b>
<b>P.1</b>	Quais são as vantagens e desvantagens da utilização das armas de letalidade reduzida?
<b>P.2</b>	Em que situações a sua utilização é mais vantajosa? E menos?
<b>P.3</b>	Quais são os seus pontos mais fortes e quais os pontos mais fracos?
<b>P.4</b>	Em que situações as armas de letalidade reduzida são mais utilizadas? E menos? Em que é que podiam ser mais?
<b>P.5</b>	O que deveria ser alterado para melhorar a sua eficácia?
<b>P.6</b>	Quais as vantagens do treino dos militares no uso de armas de letalidade reduzida? E quais as desvantagens?
<b>P.7</b>	Será o armamento de letalidade reduzida disponível aos militares portugueses, suficiente para conseguirem desempenhar uma missão em que a força letal é dispensável mas que por palavras também não se possa resolver?
<b>P.8</b>	Como soldado numa missão, será o armamento não letal suficiente para todas as missões lá executadas?
<b>P.9</b>	Que mais armamento devia o Exército português ter ao seu dispor no âmbito das ALR?
<b>P.10</b>	Qual a aplicabilidade das ALR numa FND?
<b>P.11</b>	Que armamento não letal é que tinha ao seu dispor na missão?

---

**Apêndice F: Guião e respostas da entrevista nº6**
**Quadro 13 – Guião e respostas da entrevista nº 6**

<b>Nº Pergunta</b>	<b>Pergunta</b>	<b>Resumo das respostas do E.6</b>
<b>P.1</b>	Quais são as vantagens e desvantagens da utilização das armas de letalidade reduzida?	“Não colocar em risco uma força nem outra...”, “...não sermos portadores de meios de resposta caso seja preciso”
<b>P.2</b>	Em que situações a sua utilização é mais vantajosa? E menos?	“É mais vantajosa no controlo de tumultos”
<b>P.3</b>	Quais são os seus pontos mais fortes e quais os pontos mais fracos?	“Granadas de gás lacrimogéneo”
<b>P.4</b>	Em que situações as armas de letalidade reduzida são mais utilizadas? E menos?	“ São mais utilizadas nas missões de apoio à paz”
<b>P.5</b>	O que deveria ser alterado para melhorar a sua eficácia?	Nada a referir
<b>P.6</b>	Quais as vantagens do treino dos militares no uso de armas de letalidade reduzida? E quais as desvantagens?	Nada a referir
<b>P.7</b>	Será o armamento de letalidade reduzida disponível aos militares portugueses, suficiente para conseguirem desempenhar uma missão em que a força letal é dispensável mas que por palavras também não se possa resolver?	Nada a referir
<b>P.8</b>	Como soldado numa missão, acha que o armamento não letal é suficiente para todas as missões lá executadas?	Nada a referir
<b>P.9</b>	Que mais armamento devia o Exército português ter ao seu dispor no âmbito das ALR?	Nada a referir
<b>P.10</b>	Que armamento de letalidade reduzida tinha ao seu dispor na missão do Kosovo 2011?	Nada a referir

---



---

**Apêndice G: Guião da entrevista nº 7**
**Quadro 14 – Guião da entrevista nº 7**

<b>Nº Pergunta</b>	<b>Pergunta</b>
<b>P.1</b>	What are the advantages and disadvantages of using Non Lethal Weapons?
<b>P.2</b>	What are the key attributes NLW should possess to make them most relevant and useful to achieving mission success?
<b>P.3</b>	In what kind of situations there use is more useful. And not useful?
<b>P.4</b>	Will increased employment of NLW in today's operations degrade the U.S. Military's reputation as a tenacious and feared adversary?
<b>P.5</b>	What are NLW strongest and weakest points?
<b>P.6</b>	How do NLW fit into the diverse nature of today's operations?
<b>P.7</b>	Situations where NLW are more and less used?
<b>P.8</b>	What should be changed to improve its effectiveness?
<b>P.9</b>	What are the pros and cons of the military training using NLW? Does it change much tactically?
<b>P.10</b>	In your opinion what will be the future of NLW regarding the fact that peace operations are more common than conventional war?
<b>P.11</b>	Are NLW well seen by general population in a mission abroad?
<b>P.12</b>	What NLW weapons significantly improve the capability of a force in mission abroad? Or do the military need more and better evolved weapons?

---

---


## Anexos

---




## Anexo A – Armamento

	FICHA DE MATERIAL Nº 43400.1005.01	DESIGNAÇÃO (NOMENCLATURA) ESP CAÇ SEMI-AUT FRANCHI – SPAS 15 MIL CAL 12 x 70mm C/CORONHA METÁLICA REBATÍVEL	NNA 1005EX0089989
	TIPO DE MATERIAL ARMAMENTO		
			
<p>É UMA ARMA DE ALMA LISA QUE FUNCIONA POR REPETIÇÃO MANUAL (BOMBA) OU SEMI-AUTOMÁTICA, ACTUANDO POR RECUPERAÇÃO DE GASES. DESTINA-SE AO COMBATE EM ÁREAS EDIFICADAS, EMBOSCADAS, OPERAÇÕES COM FRACA VISIBILIDADE, ETC.</p>			

Anexo A.1 – Caçadeira *Franchi SPAS-15*

	FICHA DE MATERIAL Nº 47200.1010.01	DESIGNAÇÃO (NOMENCLATURA)	NNA 1010145216067
	TIPO DE MATERIAL ARMAMENTO	LANÇA GRANADAS COUGAR 56mm	
			
<p>O LANÇADOR COUGAR, É UMA ARMA DE CANO BASCULANTE, DE BOA MANEABILIDADE TANTO NA UTILIZAÇÃO COMO NO TRANSPORTE. LANÇADOR DE GRANADAS LACRIMOGÊNEAS, É ESSENCIALMENTE INDICADO PARA A MANUTENÇÃO DA ORDEM EM ÁREAS URBANAS. PODE SER ADAPTÁVEL EM SUPORTE DE TIRO FIXO: TORRETA, VEÍCULO TODO O TERRENO, ETC.</p>			

Anexo A.2 – Lança Granadas Cougar 56mm

	FICHA DE MATERIAL 3B230.1330.01	DESIGNAÇÃO (NOMENCLATURA) Granada Lacrimogénea CM6 COUGAR C/DPR 50M Granada Lacrimogénea CM6 COUGAR C/DPR 100M	NNA 1330145210895 -50M 1330145218125-100M
	TIPO DE MATERIAL MUNIÇÕES		
CÓDIGO BB3.09 e BB3.10	COMPATIBILIDADE 1.4G	ARMA LANÇA GRANADAS COUGAR 56mm	ORIGEM FRANÇA
<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: flex-start;"> <div style="text-align: center;"> <p><b>C/DPR 50M</b></p>  </div> <div style="text-align: center;"> <p><b>C/DPR 100M</b></p>  </div> </div>			

Anexo A.3 – Granadas Gás Lacrimogénio para LG Cougar 56mm

	FICHA DE MATERIAL 3B130.1330.04	DESIGNAÇÃO (NOMENCLATURA) GRANADA DE MÃO LACRIMOGÉNEA CS/MOD M7	NNA 1330170393043
	TIPO DE MATERIAL MUNIÇÕES		
CÓDIGO BB3.08	COMPATIBILIDADE 1.4G	ARMA	ORIGEM ITÁLIA
			

Anexo A.4 – Granada de mão lacrimogénea M7

---

---

## Anexo B – Legislação

**CAPÍTULO V**  
**Forças Armadas**

Artigo 24.º

**Missões das Forças Armadas**

1 — Nos termos da Constituição e da lei, incumbe às Forças Armadas:

- a) Desempenhar todas as missões militares necessárias para garantir a soberania, a independência nacional e a integridade territorial do Estado;
- b) Participar nas missões militares internacionais necessárias para assegurar os compromissos internacionais do Estado no âmbito militar, incluindo missões humanitárias e de paz assumidas pelas organizações internacionais de que Portugal faça parte;
- c) Executar missões no exterior do território nacional, num quadro autónomo ou multinacional, destinadas a garantir a salvaguarda da vida e dos interesses dos portugueses;
- d) Executar as acções de cooperação técnico-militar, no quadro das políticas nacionais de cooperação;
- e) Cooperar com as forças e serviços de segurança tendo em vista o cumprimento conjugado das respectivas missões no combate a agressões ou ameaças transnacionais;
- f) Colaborar em missões de protecção civil e em tarefas relacionadas com a satisfação das necessidades básicas e a melhoria da qualidade de vida das populações.

2 — As Forças Armadas podem ser empregues, nos termos da Constituição e da lei, quando se verifique o estado de sítio ou de emergência.

Anexo B.1 – Extrato da Lei de Defesa Nacional

**CAPÍTULO VI**

**Disposições finais**

Artigo 35.º

**Forças Armadas**

As Forças Armadas colaboram em matéria de segurança interna nos termos da Constituição e da lei, competindo ao Secretário-Geral do Sistema de Segurança Interna e ao Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas assegurarem entre si a articulação operacional.

Anexo B.2 – Extrato da Lei de Segurança Interna

## Anexo C – Referencial de Curso de Controlo de Tumultos

Quadro 15 – Referencial de Curso de Controlo de Tumultos

OBJECTIVO DE APRENDIZAGEM		TAREFA
A 1.1	CAO (03) 01-01	Definir tumulto e enunciar as suas causas
A 1.2	CAO (03) 01-02	Reconhecer as necessidades de definir os objetivos principais e os objetivos intermédios
A 1.3	CAO (03) 01-03	Enunciar os princípios do Controlo de Tumultos
A 1.4	CAO (03) 02-01	Descrever o emprego progressivo dos meios considerados violentos
A 1.5	CAO (03) 02-02	Enunciar as situações em que é autorizado o uso de armas de fogo
A 1.6	CAO (03) 03-01	Descrever as condições, meios, limites e deveres a observar nas relações com o público e imprensa
A 1.7	CAO (03) 04-01	Reconhecer a importância da psicologia das multidões na atuação das forças de CT
B 1.1	ATI (03) 29-01	Operar o Lança Granadas 56 mm COUGAR
B 1.2	ATI (03) 29-02	Executar o lançamento de granadas com o LG 56mm COUGAR
B 2.1	-----	Opera e manter a Carabina Shotgun
B 2.2	-----	Executar tiro com a Carabina Shotgun
C 1.1	TIT (03) 01-01	Equipar e armar
C 1.2	TIT (03) 01-02	Executar as técnicas individuais de CT
C 1.3	TIT (03) 02-01	Atuar contra agentes incendiários e tubos bomba
D 1.1	TCT (03) 01-01	Descrever a composição, articulação e missão das esquadras de CT
D 1.2	TCT (03) 01-02	Executar as formações e evoluções da esquadra de CT
D 1.3	TCT (03) 01-03	Executar os procedimentos de emergência
D 1.4	TCT (03) 01-05	Executar as técnicas de revista
D 1.5	TCT (03) 01-06	Executar as técnicas de manietar, algemar e condução de detidos
D 1.6	TCT (03) 01-07	Executar as técnicas de entrada em edifícios
D 1.7	TCT (03) 01-08	Executar a técnica do homem violento
D 1.8	TCT (03) 01-09	Executar os procedimentos de colocação e remoção da máscara BQ
D 1.9	TCT (03) 02-01	Enunciar os princípios de organização, as missões e características das forças de CT
D 1.10	TCT (03) 02-02	Enunciar as ações a desenvolver no final dos tumultos
D 1.11	TCT (03) 02-03	Descrever a composição, articulação e missão do pelotão de CT
D 1.12	TCT (03) 02-04	Executar os movimentos de ordem unida de CT
D 1.13	TCT (03) 02-05	Executar as diferentes formações e evoluções do pelotão de CT
D 1.14	TCT (03) 03-02	Executar as diferentes formações e evoluções do pelotão de CT com viaturas blindadas
D 1.15	TCT (03) 04-01	Executar os diferentes tipos de dispositivos fixos
D 1.16	TCT (03) 04-02	Executar os diferentes tipos de dispositivos móveis
D 1.17	TCT (03) 04-03	Neutralizar barricadas
D 1.18	TCT (03) 05-01	Planear uma operação de CT
D 1.19	TCT (03) 05-02	Planear e executar um cordão estático
D 1.20	TCT (03) 05-03	Planear e executar uma ala
D 1.21	TCT (03) 05-04	Planear e executar uma barragem
D 1.22	TCT (03) 05-05	Planear e executar um cordão de marcha
D 1.23	TCT (03) 05-06	Planear e executar a neutralização de uma barricada
D 1.24	TCT (03) 05-07	Planear e executar uma barragem com auxílio de viaturas blindadas
D 1.25	TCT (03) 05-08	Planear e executar a neutralização de uma barricada com auxílio de viaturas blindadas

## Anexo D – Quadro de emprego de meios

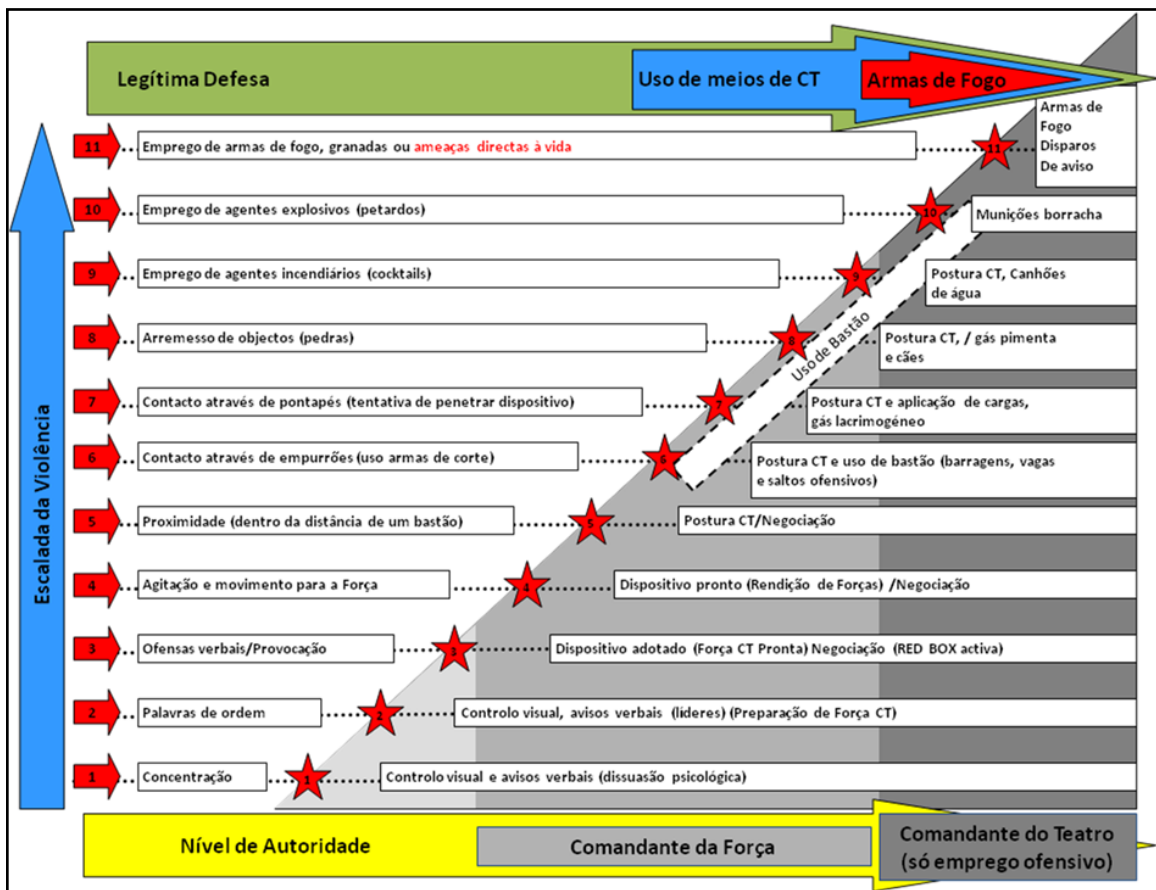


Figura nº 4 – Quadro de emprego de meios (Sousa, 2012)